

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

EDNAR MOURA DA SILVA

**LEITURA COMO FATOR DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS
SOCIALMENTE EXCLUÍDAS: O CASO DO CONJUNTO JOÃO PAULO II
EM FORTALEZA-CEARÁ**

**FORTALEZA
2008**

EDNAR MOURA DA SILVA

**LEITURA COMO FATOR DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS
SOCIALMENTE EXCLUIDAS: O CASO DO CONJUNTO JOÃO PAULO II
EM FORTALEZA-CEARÁ**

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal da Ceará,
para obtenção de grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Virginia Bentes Pinto

**FORTALEZA
2008**

Silva, Ednar Moura da.

Leitura como fator de inclusão de crianças socialmente excluídas: o caso do conjunto João Paulo II em Fortaleza-Ceará / Ednar Moura da Silva. [Orientada por: Virginia Bentes Pinto]. - Fortaleza, 2008.

p.71 : il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Ceará, 2008.

Monografia. 2. Leitura. 3. Inclusão social 4. Escola 5. Família
I. Título.

Dedico este trabalho aos meus pais, aos meus irmãos por acreditarem em mim, e a todos que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter proporcionado a vida e a sapiência na tomada de decisões. À minha orientadora, Prof^a. Virginia Bentes, por sua paciência, dedicação e, principalmente, por acreditar e apostar nesse trabalho. À minha amiga Nildinha, por ter-me orientado a fazer este curso. Aos meus ex- chefes (Marcos e Cléia), que sempre me proporcionaram a condição de continuar estudando. Ao meu namorado por toda paciência durante essa fase de monografia. Às minhas amigas Valnice, Renata e Djeanne por sempre acreditarem e confiarem em mim e, durante esses quatro anos, ter compartilhado um pouco de nossas vidas juntas. Auricélia por sua grande amizade e carinho e sempre me ajudou, incondicionalmente, em tudo que precisei. Agradeço também ao restante da minha turma que me proporcionou bons momentos de alegria, onde compartilhamos nossos anseios acadêmicos e profissionais.

Agradeço a todos os professores do Curso de Biblioteconomia pelo prazer de tê-los como professores/amigos e pelo grande aprendizado e conhecimento que todos proporcionaram.

“Há duas portas de entrada para a educação e para a socialização da vida humana: a família e a escola. Da família herdamos ou não o sentido da acolhida e da autoconfiança (da mãe) e o sentido dos limites e a percepção de valores éticos (do pai). A escola, além de repassar informações. Se propõe o objetivo de criar condições para a formação de pessoas autônomas com competência para plasmar o próprio destino e aprender a conviver como cidadãos participativos.”

(Leonardo Boff)

RESUMO

A leitura é considerada por muitos estudiosos uma ferramenta de transformação social, capaz de permitir ao ser humano discernimento acerca das coisas do mundo e de si mesmo. O estudo acerca das ações de leitura como fator de inclusão de crianças socialmente excluídas busca mostrar que a mesma pode contribuir para mudanças na vida dessas crianças. A metodologia utilizada para a consecução deste estudo foi a pesquisa exploratória, realizada à luz do método dialético. O campo de pesquisa trabalhado foi a Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Aloysio Barros Leal. Os dados foram obtidos através de análises estatísticas de entrevistas com pais e alunos, como também foram aplicados questionários com professores a fim de perceber a contribuição da escola e da família no processo de leitura das crianças. Essa pesquisa busca reforçar o debate sobre leitura, assim como a contribuição da escola e da família na influência do gosto pela leitura. Pretende-se, também, contribuir com educadores e estudiosos da área da educação para que dêem mais atenção às classes sociais menos favorecidas, pois são elas que apresentam o maior déficit de leitura, visto que, podemos dizer que o fator social está intimamente ligado ao acesso à leitura, à aquisição de livros ou mesmo ao domínio e compreensão da leitura. Os resultados deste estudo apontaram que o alcance da leitura atinge poucos alunos e, sua ausência, prejudica a muitos deles, pois as crianças que declararam não saber ler ou não gostar de ler, são as vivem em situações mais degradantes.

Palavras - chave: Leitura. Inclusão social. Escola. Família.

ABSTRACT

The reading is considered by many scholars a tool for social transformation, to be able to allow human judgement about the things of the world and of itself. The study about the actions of reading as a factor for inclusion of socially excluded children search show that it can contribute to changes in the lives of these children. The methodology used to achieve this study was the exploratory research, conducted in the light of dialectical method. The field of research work was the School of Primary / Secondary Education Professor Aloysio Barros Leal. The data were obtained through statistical analysis of interviews with parents and students, but also were used questionnaires to teachers in order to understand the contribution of school and family in the process of reading to children. This survey seeks to strengthen the debate on reading, as well as the contribution of school and family influence in the taste for reading. It is also helping with educators and scholars of the education to give more attention to disadvantaged social classes, it is they who have the largest deficit of reading, since we can say that the social factor is closely linked to access to reading, the purchase of books or even the field of reading and understanding. The results of this study indicated that the scope of reading reaches few students, and their absence is damaging to many of them, because children who declared not read or do not like to read, are living in the most degrading.

Key-Works: Reading. Social inclusion. School. Family.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Gráfico 1 - Idade e escolaridade dos alunos da Escola de Ensino fundamental e Médio Profº Aluysio Barros Leal	37
Gráfico 2 - Meios utilizados pelos alunos para satisfação de suas curiosidades.....	38
Gráfico 3 - Formas utilizadas pelos pais para incentivar seus filhos a ler	40
Gráfico 4 - Visão dos professores, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Profº Aluysio Barros Leal, com relação à contribuição da leitura para mudança de crianças e adolescente	42
Gráfico 5 - Resposta dos alunos sobre momento de lazer na escola/sala de aula envolvendo leitura.....	47
Gráfico 6 - Opinião dos pais em relação à contribuição da leitura para seus filhos	50
Gráfico 7 - Resposta dos pais sobre o interesse dos filhos por leitura	51
Gráfico 8 - Interesse de leitura dos alunos da EEFM Profº. Aluísio Barros Leal	54
Gráfico 9 - Atividades realizadas pelos alunos quando estão fora da escola	57
Gráfico 10 - Resposta dos alunos com relação à atribuição que eles dão a leitura	61

LISTA DE TABELAS

Tabela-1- Taxa de Analfabetismo da América Latina	22
---	----

LISTA DE SIGLAS

ABC- Agência Brasileira de Cooperação Comunitária

CERLALC- Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e do Caribe

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OEI- Organização de Estados Iberoamericanos para a educação, a ciência e a cultura

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A LEITURA COMO FATOR DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	16
2.1 Considerações sobre a desigualdade social	16
2.2 Um olhar sobre a leitura	18
2.3 Leitura no Brasil.....	21
2.4 A leitura na escola	24
2.4.1 O Professor como mediador de leitura	27
2.5 A leitura na família	28
3 CAMINHOS TRILHADOS PARA OS ACHADOS.....	32
4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
5 REFLEXÕES CONCLUSIVAS.....	63
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE A	69
APÊNDICE B	70
APÊNDICE C	71

1 INTRODUÇÃO

O mundo passa por inúmeras transformações ao longo de sua história e, durante essas mudanças, problemas podem ser solucionados e outros perpetuados por décadas e décadas. É o caso da desigualdade social uma solução cada vez mais distante e uma questão que atinge vários países do mundo, inclusive o Brasil. As pesquisas de Pochmann (2004) comprovam isso, ao afirmar que apenas 10% da população brasileira concentra 75% da riqueza do Brasil, o que é lamentável frente a 55 milhões de pobres em nosso País. Corroborando, Henriques (*apud* WERTHEIN; NOLETO, 2003) afirma que o grande problema não é a pobreza, mas sim, a distribuição de renda e um acompanhamento das ações sociais, ou seja, uma fiscalização para saber se programas sociais estão realmente alcançando seu público alvo.

As maiores vítimas desse sistema são as crianças que, na maioria das vezes, têm seus nomes usados para desvio de dinheiro, quando na verdade, elas vivem a dura realidade do cotidiano, podendo ser encontradas em sinais de trânsito pedindo e lavando carros; dentro de ônibus, vendendo bombons e pedindo dinheiro; em praças públicas, engraxando sapatos, roubando, drogando-se, prostituindo-se e lutando para sobreviver. Boff (1997, p. 21) diz que:

Essas crianças fazem parte de uma massa cada vez mais crescente de excluídos e que estão marginalizados na sociedade. Isto gera, mesmo em crianças bem pequenas, uma auto-estima muito baixa, pois, percebem que são excluídos, se sentem feias e desajeitadas [...]. Que não sabem falar, ler. Sentem-se desprezadas. Rejeitadas. Enjeitadas. Que são restolho. Lixo. Falta-lhes a 'experiência placentária': é como se a sociedade tentasse o tempo todo "abortá-las".

Como consequência disso, as crianças que hoje continuam excluídas, socialmente, amanhã pode vir a ser marginal de alta periculosidade, pois lhes falta uma formação educacional melhor alicerçada e um trabalho em conjunto, onde escola, família, governo e sociedade contribuam para a mudança e reintegração dessas crianças e jovens na sociedade. Diante desse contexto não se pode esperar outra reação dessas crianças a não ser se tornarem marginais e praticarem violência contra aqueles que encontram em seu caminho. Em Fortaleza, essa realidade não é diferente como aponta Diógenes (1994) afirmando que:

[...] as "gangues de meninos e meninas", são presentes nas manchetes dos grandes jornais [...] e do dia-a-dia dos bairros. É o ponto alto da exclusão e da violência, é

também quando a violência urbana assume certo nível de organização e os aparelhos de segurança orientam de forma planejada, suas ações.

Embora esses dados tenham sido da década de 1990, ainda assim são muito atuais, e o fato se repete sem que sejam efetivadas ações capazes de reverter essa realidade.

Então, é com essa enorme onda de violência que assola as grandes cidades, que a população deve se preocupar em resgatar essas crianças, impedindo-as da exploração e da violência, inclusive com elas mesmas. Ora, a violência é uma ação cíclica, logo, esses jovens que hoje matam e roubam, um dia foram crianças que não tiveram acesso à educação, à leitura, aos livros e aos programas sociais que os amparassem e ajudassem a pensar sobre sua realidade. Diante deste contexto, entendemos que ações contemplando a prática social através da leitura, poderiam ser de grande valia para incluir socialmente as crianças excluídas e, com isso, elas possam se sentir cidadãs. Essas ações de leitura vêm ao encontro da “leitura de mundo”, proposta pelo educador Paulo Freire (1991, p. 42), “a leitura crítica do mundo, é um que- fazer pedagógico-político, indicotomizável do que- fazer político-pedagógico, isto é, da ação política que envolve a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade”.

Todas essas reflexões nos levam aos seguintes questionamentos: como a leitura poderia contribuir para mudar a vida de crianças socialmente excluídas? Qual é papel dos professores e dos pais, com ações de incentivo a leituras que possibilitem a inclusão dessas crianças? Quais são as leituras preferidas pelas crianças e adolescentes? Quais as dificuldades dos alunos em relação à leitura da palavra escrita?

O interesse pelo tema surgiu devido às minhas observações empíricas no Bairro João Paulo II localizado na periferia de Fortaleza-CE. Nessa comunidade, existem muitas crianças e jovens, que não são diferentes daqueles que habitam em outros lugares do país. Praticam inúmeras cenas de violência, pequenos roubos, assaltos e homicídios, são filhos de pais separados, encarcerados ou mortos, etc. Observamos esses fatos desde o ano de 2006, momento em que passamos a trabalhar no bairro e onde, a todo momento, víamos as maneiras como eles se comportam, como falam, como se tratam, como mães e pais (quando presentes) tratam seus filhos, como também seus filhos refletem essa interação com a sociedade.

Nesse bairro há uma Agência Brasileira de Cooperação Comunitária (ABC) que atende jovens no incentivo ao esporte e à profissionalização. Existe também um projeto que funciona há pouco mais de 15 anos e é mantido com doações dos países europeus. É nesse espaço que as crianças têm direito ao reforço escolar, ao dentista, ao almoço e aos materiais escolares. Claro, que muitas delas freqüentam o ABC somente por causa da alimentação. Contudo, não existe no ABC qualquer atividade que contemple a leitura da palavra escrita aliada à leitura de mundo dessa população. Entendemos que uma ação nesse sentido poderia ser de grande valia para a integração dessas crianças e jovens socialmente excluídos.

Martins (1994) diz ser preciso muita relação das leituras escritas com o mundo que se vive, pois só assim se pode ter uma leitura crítica e um posicionamento diante da realidade. Corroborando, Foucambert (1994) considera que ver é diferente de olhar, ouvir e escutar, para o referido autor, ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, ou fazer uma versão oral de um escrito. Ao contrário, significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa uma resposta que integra para dar novas informações ao que já se sabe. Nessa mesma linha de pensamento trabalha Paulo Freire (1984), afirmando que a importância do ato de ler as coisas que estão à sua volta é a primeira leitura de vida e os primeiros registros de memória, bem como a compreensão do texto, para se alcançar uma leitura crítica, implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Acreditamos que a leitura da palavra, associada à história de vida, pode contribuir para que o leitor possa refletir, reagir, se envolver com a sua realidade e mudar suas ações a fim de se tornar um cidadão melhor.

Então, aceitando que a leitura pode alterar essa realidade, é que nos aventuramos a fazer essa pesquisa na monografia de conclusão do Curso de Biblioteconomia da UFC, buscando como objetivo geral estudar de que forma as ações de leitura poderiam contribuir para mudar a vida de crianças socialmente excluídas. Os objetivos específicos são: a) verificar o papel dos professores e dos pais no incentivo a leituras que possibilitem a inclusão de crianças socialmente excluídas; b) identificar as leituras preferidas pelas crianças e adolescentes e; c) identificar as dificuldades dos alunos em relação à leitura da palavra escrita.

A metodologia adotada para a concretização deste trabalho tem por base as pesquisas exploratórias, fundamentando-se no método dialético para compreender o objeto de estudo aqui tratado. O estudo empírico foi realizado com os estudantes do ensino fundamental e médio da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Aluysio Barros Leal, localizada no Conjunto João Paulo II (Jangurussu). Também efetuamos uma pesquisa com os professores e as famílias dessas crianças. Para a coleta de dados utilizamos a entrevista realizada com os alunos e seus pais. Também foi utilizado o questionário contendo somente questões abertas e aplicado junto aos professores.

Esta monografia está estruturada em cinco capítulos. O primeiro, traz a introdução do trabalho cenariando o objeto de estudo, sua problemática, a justificativa, os objetivos do trabalho e, de forma resumida, a metodologia utilizada. No capítulo dois, é discutida a leitura como agente de transformação social, contemplando aspectos referentes à desigualdade social, considerações sobre a leitura, a leitura no Brasil, na escola e na família. A metodologia encontra-se no capítulo três, enquanto que a análise dos dados e a discussão dos resultados é apresentada no capítulo quatro e, finalmente, o capítulo cinco contempla as reflexões conclusivas.

2 A LEITURA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

2.1 Considerações sobre a desigualdade social

A desigualdade é um grande problema global e, é de conhecimento de todos, que essa afirmação não é novidade para ninguém. Contudo, permanece presente em vários países inclusive no Brasil. Esta é a dura realidade pela qual passam muitas de nossas crianças, no entanto, os governantes colocam vendas nos olhos, mesmo que os organismos nacionais e internacionais denunciem esses fatos. Então, que esperanças essas crianças podem ter para que possam ser incluídos socialmente? Antes de mais nada, é preciso compreender que o estado de inclusão social no Brasil apresenta várias vertentes, aqui apresentadas por Amorim *apud* Pochmann (2004) que:

Ora se manifesta de forma mais primitiva, como pelas condições de insuficiência de renda para o consumo mínimo ou pela falta de acesso à educação, ora se apresenta de maneira mais sofisticada, como a impossibilidade do exercício da cidadania frente à enorme desigualdade de renda, ao desemprego massivo e à violência elevada.

Por outro lado, a exclusão social resulta de um processo combinado e desigual com a inclusão, uma vez que o desenvolvimento de um país tende a produzir as condições necessárias para ambas as partes: inclusão e exclusão. Conceitua-se inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com **algum tipo de necessidade** e, [...] simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade, buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAK, 1997, p.3, grifo nosso).

Os termos exclusão e inclusão podem ser utilizados em qualquer vertente, rico e pobre, escolarizado e analfabeto ou qualquer outro tipo de comparação que se desejar fazer, pois basta que exista um para que o outro, automaticamente, exista. Desde tempos muito remotos, existem excluídos que formam uma grande parcela da população. E, uma das formas mais excludentes que pode sofrer um ser humano, é a exclusão educacional que acaba levando a várias outras formas de exclusão.

No Brasil, são poucos os que têm acesso à leitura, pois a realidade brasileira consiste em baixos índices de leitura e altos índices de analfabetismo e essas são conseqüências de uma série de fatores políticos, econômicos e sociais, como a baixa escolarização do país, a baixa renda *per capita*, o baixo índice de desenvolvimento econômico e outros. Precisamos de projetos concretos de inclusão, como é o exemplo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com o projeto intitulado “A leitura de um mundo surdo”, que objetivou oferecer o conhecimento da língua dos sinais (Libra), aos educadores de alunos surdos. Essa inclusão pode ser mínima se observarmos a dimensão do nosso problema, mas esse projeto conseguiu incluir alunos surdos em um processo de aprendizagem mútua, ou seja, onde ambos, alunos e professores, puderam se comunicar e ser entendidos possibilitando dessa forma uma formação cidadã. Santiago (2005) contribui, quando afirma que um processo de transformação social só é viável quando se respeitam os sujeitos envolvidos e suas necessidades.

Outro exemplo de inclusão que podemos apreciar é o trabalho dos “Agentes de Leitura do Ceará”, que busca promover a democratização do livro e da leitura com o intuito de levar as comunidades de baixa renda a ter acesso aos meios de leitura como Ação cultural estratégica de inclusão social e de desenvolvimento humano. Os dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), em 2001, mostram que crianças e adolescentes saem da quarta série do Ensino Fundamental e não detém nem metade das competências relacionadas à Língua Portuguesa que seriam esperadas neste nível de ensino. Então, é preciso ações que norteiem essa realidade, pois uma comunidade que não tem acesso aos meios de leitura está fadada à exclusão social. Corroborando, Santos (2007) afirma que:

A leitura amplia nossos horizontes e nossa capacidade crítica, inventiva e de compreensão do mundo. E que a construção das capacidades passa necessariamente pelo acesso e domínio da leitura e da escrita como elementos vitais de formação e de crescimento humano.

Conforme já falamos anteriormente, a sociedade brasileira é marcada e dividida pela desigualdade social, a qual facilita o processo de marginalização da sociedade. É conhecido por todos nós o fato de que uma das principais causas para que as camadas sociais fiquem cada vez mais desiguais continua sendo o analfabetismo, ao qual atribuímos também o fato do indivíduo não se interagir com o conhecimento, com o mundo, uma vez que ele

desconhece a leitura. É neste sentido que Silva *apud* Carvalho (2002) diz que:

O ato de ler é, fundamentalmente, um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens, explicando-as [...]. A escrita tem sido utilizada como um instrumento de domínio de uma classe social sobre outras, por isso mesmo, a manutenção de uma grande massa de iletrados ou semiletrados tem uma razão de ser.

Ao dizer que “uma grande massa de iletrados tem uma razão de ser”, Silva (*apud* CARVALHO, 2002) está considerando que há um interesse na manutenção das classes desfavorecidas, por isso, gera impossibilidade de se praticar a cidadania, a crítica às classes dominantes e este exercício é proporcionado através da leitura. Corroborando, Carvalho (2002, p. 41) afirma que:

A leitura permite respostas aos nossos questionamentos, desde que haja investimentos para tal. Os textos constituem espaços de buscas. Estes se tornam um processo e à medida que as investigações satisfaçam as necessidades, nossas capacidades mentais evoluem. Isto explica a necessidade de atribuir sentido para que a leitura tenha significado na vida de cada um.

Então, podemos inferir que é mediante a leitura que o indivíduo pode vir a compreender o mundo que lhe é exposto e se fazendo sujeito de construção do mesmo. A leitura contribui para a formação do indivíduo possibilitando o despertar para emoções e uma melhor compreensão do mundo.

2.2 Um olhar sobre a leitura

As discussões em torno da leitura da palavra escrita trazem sempre à tona a questão da exclusão, pois o sujeito que não domina essa atividade se sente à margem da sociedade. Barbosa (1990) nos ajuda a compreender melhor o mundo das letras quando apresenta que a leitura antecede a invenção da escrita. Na Antigüidade, o leitor baseava-se na oralidade, onde a relevância era atribuída ao desenvolvimento da arte da oratória e do ensino através do diálogo. A leitura na Idade Média era controlada pela Igreja Católica, que censurava as obras e cultuava os símbolos sagrados e só era permitido aprender a ler aquele que pretendesse seguir a vocação religiosa. As crianças na escola teriam que memorizar o que o mestre lhes falasse.

Mesmo que o objetivo fundamental desse estudo não seja trabalhar, especificamente, as questões epistemológicas referentes à leitura, ainda assim, consideramos necessário tecer alguns comentários sobre ela. Para isso, nos apoiamos em Souza R. (1992) que entende a leitura como sendo “o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto”, levando o indivíduo a uma compreensão particular da realidade. Nas trilhas do mesmo entendimento, Micheletti e Brandão (1997) defendem que

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão. De entender o mundo a partir de uma característica particular ao homem: sua capacidade de interação com o outro através das palavras, que, por sua vez, estão sempre submetidas a um contexto.

Estudiosos como Paulo Freire, Lev S. Vygotsky, Ezequiel T. da Silva, Eni P. Orlandi, entre outros, consideram que as concepções tradicionais de leitura entendidas somente como a decodificação de signos lingüísticos (leitura funcional) é efetuada pelos alfabetizados das letras, que conhecem a linguagem escrita e as decodificam mecanicamente, como afirmou Silva (1981, p. 13), “bem à moda behaviorista”. Na mesma linha de pensamento, Edmir Perrotti (1990, p. 81), assevera que neste tipo de leitura as

Crianças seriam seres facilmente dobráveis, sem vontade nem exigências próprias. A rigor, questões educacionais e culturais da infância, como motivação e interesses, se reduziriam simplesmente à escolha certa ou errada da técnica [...]. Acreditar que promotores munidos de uma tecnologia da leitura para todas as circunstâncias conseguirão respostas à falta de fidelidade à leitura - especialmente de crianças pertencentes a classes e grupos sociais excluídos normalmente do circuito do escrito- é atribuir à técnica poderes mágicos que todos sabem que ela não tem.

Esses estudiosos propõem uma leitura que contemple o mundo, a prática social e a produção de sentidos, em outras palavras, a leitura interpretativa. São leituras que vêm ao encontro da “leitura de mundo”, de Paulo Freire quando afirma que em realidade, trata-se de uma leitura criativa que complete os “não-ditos”. Esses “não-ditos” significa não manifesto em superfície, a nível de expressão [...]. E para este propósito um texto, de uma forma ainda mais decisiva do que qualquer outra mensagem, requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos por parte do leitor. (FREIRE, 1991, p. 42). Com outras palavras, uma leitura movida à percepções, onde os “espaços brancos do texto” (“não ditos”) sejam

preenchidos com as experiências de mundo de cada sujeito, levando necessariamente à construção de outros textos; os seus (deles). (ECO, 1986, p. 36). Uma leitura que gire em torno de um ato sócio-cultural, possibilitando uma mudança simbólica de sentido, brotando do nosso estar no mundo e em relação com ele. (PERROTTI, 1990). Portanto, trata-se de uma prática psico-sócio-cultural em uma perspectiva de socialização das crianças e adolescentes e visando também a contribuir com sua inclusão.

Percebendo o grande problema concernente à leitura nos países da América Latina, a Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe (CERLALC), promoveram um evento cuja finalidade é a organização de uma agenda de políticas públicas de leituras. Nesse sentido esses organismos se expressam:

Entendemos que o exercício do direito à leitura deve ser garantido a todos os membros da sociedade. O seu estímulo deveria acompanhar as pessoas ao longo de toda a vida, e não apenas nas idades da infância e da adolescência. Segundo esta aceção, a leitura não é um assunto escolar senão um conjunto de práticas sociais que favorecem a qualidade de vida das pessoas e contribuem para a formação de uma cidadania informada como fim e agente da democracia e do desenvolvimento econômico e social. A sua promoção é responsabilidade de toda a sociedade no seu conjunto. Ao mesmo tempo, à medida que o direito à leitura for reconhecido jurídica ou politicamente, não como uma simples aspiração, mas como um princípio que rege as normas de convivência, é responsabilidade da administração pública garantir que a leitura possa ser uma prática ao alcance de todos os cidadãos, fazendo universal os serviços que facilitem e fomentem o acesso à informação e à leitura prática da leitura. (OEI; CERLALC, 2004)¹.

Então, podemos perceber que são vários organismos que se manifestam em prol da leitura, desde tempos bastante remotos até os dias atuais, incluindo órgãos nacionais e internacionais, públicos e privados, são manifestações isoladas e coletivas, mas, mesmo assim, ainda não conseguimos atingir o ideal, que seria tornar a leitura ao alcance de todos, possibilitando dessa forma uma interação mais ativa da sociedade, onde a leitura alcançaria seus aspectos sociais e políticos.

¹ OEI; CERLALC-Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe; Organización de Estados Iberoamericanos para a Educación, la Ciencia e la Cultura. **Agenda de Políticas Públicas de Leitura**, 2004.

2.3 Leitura no Brasil

Falar de leitura nos leva a assumir que o Brasil enfrenta um grande déficit nesse aspecto, pois o livro é considerado até hoje como um símbolo que representa ostentação de riqueza e sabedoria, portanto, ainda não está democratizado em nosso país. Além do mais, a questão não se trata apenas do acesso ao livro, mas do acesso à leitura, ao simples ato de ler. Conforme aponta Lindoso (2004 *apud* ROSA, 2006), o Brasil tem a maior produção editorial da América Latina e é responsável por mais da metade dos livros editados no continente. Logo, conforme essa pesquisadora, a situação não é a produção editorial e nem sua qualidade, mas, a produção de leitores com a compreensão e o discernimento das coisas. A autora, afirma ainda que o baixo índice de leitura de sua população talvez seja o obstáculo mais comprometedor para a superação das dificuldades e é uma consequência das condições socioeconômicas e educacionais da população do País. Isso, certamente, contribui com o alto índice de analfabetismo bastante comprometedor para um país que deseja alcançar a democratização da leitura da forma mais abrangente possível.

Outro dado alarmante exposto por Rosa (2006) é que o problema não é ter escolas, mas sim conseguir manter as crianças na escola. Ela cita como exemplo, a Bahia, estado que concentra metade dos analfabetos do país na distribuição total de analfabetos absolutos. É um dos estados do Brasil que mais possuem escolas, contudo, apenas 7,06% das escolas da Bahia possuem bibliotecas. Esse fato nos leva a considerar a biblioteca como uma ferramenta determinante na luta contra o analfabetismo e contra a evasão escolar. Corroborando, Cropani (2004 *apud* ROSA, 2006), aponta o livro como “o mais poderoso instrumento do saber jamais inventado pelos homens”. Já a Lei nº 10.753 conhecida como a Lei do Livro de 30 de outubro de 2003, avança a discussão e também aponta o livro como sendo “o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida”. (BRASIL, 2003).

Então, consideremos que, no Brasil, muito ainda precisa ser feito em relação à leitura, precisamos desmistificar o simbólico que o livro é um objeto exclusivamente da elite, que pertence a uma minoria e que só eles detêm o direito de ter acesso. Atribuimos essa

tarefa à escola, à família e, sobretudo, às bibliotecas escolares, pois em uma sociedade onde a maioria se encontra em condições menos favorecidas é na escola que eles têm o contato com o livro. Quer dizer, é lá que eles devem adquirir o prazer e o gosto pela leitura, então a biblioteca deve funcionar como um elo entre escola e comunidade possibilitando o esclarecimento e garantindo a essa população o que lhe é de direito.

Falar de leitura no contexto brasileiro, remete-nos a outros problemas sociais que o país enfrenta. A situação de pobreza compromete, consideravelmente, nosso desenvolvimento e, paralelo a isso, o país apresenta um índice de analfabetismo bastante elevado, correspondendo a 11,1% (IBGE, 2006), o que deixa esse desenvolvimento mais agravante. E quando falamos em leitura podemos constatar que o Brasil fica muito atrás de outros países em desenvolvimento, pois não investe em políticas concretas que visem ao desenvolvimento social através de uma formação educacional sólida, que garanta as condições mínimas de manter crianças excluídas na escola. Nos índices de analfabetismo apresentados pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) podemos perceber que, dentre os países da América do Sul, o Brasil somente perde para a Bolívia, conforme a tabela-1.

Tabela-1- Taxa de Analfabetismo da América Latina

Analfabetismo na América Latina e Caribe	
Haiti	45,2
Nicarágua	31,9
Guatemala	28,2
Honduras	22,0
El salvador	18,9
República Dominicana	14,5
Bolívia	11,7
Jamaica	11,3
Brasil	11,1
Peru	8,4
México	7,4
Colômbia	7,1
Equador	7,0
Paraná	7,0
Venezuela	6,0
Paraguai	5,6
Porto Rico	5,4
Belize	5,3
Bahamas	4,2
Costa Rica	3,8

Continua

Tabela-1- Taxa de Analfabetismo da América Latina

Analfabetismo na América Latina e Caribe	
Chile	3,5
Antilhas Holandesas	3,1
Argentina	2,8
Cuba	2,7
Uruguai	2,0
Trinidade Tobago	1,2
Guiana	1,0
Barbados	0,3
Média	9,95

Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL

Além dessa realidade, também nos deparamos com baixos índices de compreensão leitora e altos índices de analfabetismo funcional. Isso pode ser decorrente, entre outras coisas, da situação precária da escola, das bibliotecas, da falta de políticas públicas concretas de promoção do livro e da leitura e também da descontinuidade das escassas políticas existentes. Mister se faz dizer que a questão do analfabetismo não é desvinculada de outros fatores inerentes à sociedade contemporânea, quais sejam: exclusão social e desigualdades. E, todos esses fatores, formam uma cadeia na qual não podem estar de fora a sociedade, o Estado, a família e, principalmente, a escola, afinal nada funciona isoladamente. Logo, essa cadeia deve estar integrada para que o analfabetismo venha a ser eliminado. O projeto “Agentes de Leitura”, proposto por Santos (2007, p. 3) vem a esse encontro afirmando ser preciso que se faça uma grande mobilização a fim de que seja possível

[...] desenvolver uma política pública e de Estado, realizando ações concretas e permanentes de fomento à leitura e de formação de leitores, apoiando as cadeias criativa e produtiva do livro e mediadora da leitura. No entanto, para essas ações se tornarem significativas, é necessário investir na democratização do acesso ao livro.

Ora, já está comprovado que a leitura é um elemento fundamental para o desenvolvimento da cidadania, para a formação e a inclusão social, afinal ela proporciona a atualização e o aprofundamento dos conhecimentos, aguça a criatividade e a imaginação, favorece a argumentação e contribui para uma boa interlocução, portanto, ela é uma ferramenta de inclusão. Na mesma linha de pensamento Fragoso (2005) acredita

Que a leitura é fundamental para a construção de um novo mundo no qual venham surgir mentalidades novas para a superação das tristes condições do terceiro mundo, pelo extermínio dos fatores de desintegração do povo, como a fome, a miséria, o analfabetismo.

Perroti (1990) acrescenta que a preocupação com a leitura não é de hoje e, em particular, essa preocupação é com a faixa infanto-juvenil e, que tal preocupação, é desde os tempos do Império quando as autoridades se davam conta da necessidade de produzir materiais de leitura para as crianças. Martins (1994, p. 25) nos acrescenta que a “leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”.

2.4 A Leitura na Escola

A educação no Brasil está longe de ser colocada em primeiro plano e, quando se trata de educação infantil, a situação é ainda mais constrangedora, uma vez que, a escola é responsável pela formação educacional de suas crianças. Mas, a questão não é somente de responsabilidade, a escola funciona em condições deprimentes e os professores, na maioria das vezes, estão insatisfeitos com o seu trabalho, então podemos dizer que, diante de quadros como esses, a criança e sua formação ficam completamente comprometidas.

É válido lembrar que muitas de nossas crianças não têm essas instituições em sua formação então, acabam recebendo formação da rua, de quem lá vive e, conseqüentemente, a sua contribuição para a sociedade não pode ser construtiva. Ora, se o Estado, enquanto responsável pelo seu povo, não investe em ações concretas para a formação de seus cidadãos, é claro que estes cidadãos também não terão como agradecer com um retorno apropriado.

Em suas pesquisas Sandroni e Machado (1998, p. 51) afirmam que

A escola ocupa um grande espaço na vida social de uma criança e, dependendo da habilidade dos professores, poderá ter uma enorme influência no gosto pela leitura. Este é o momento em que, de acordo com o seu próprio nível de experiências e habilidades, a criança poderá ser capaz de assimilar, compreender e interpretar o que lê com independência sendo um leitor crítico.

Alencar (1982) também aponta o professor como fator de especial importância no sistema educacional, principalmente, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, o poder, a influência e a contribuição que este pode dar para facilitar o crescimento e a formação de uma imagem positiva de si mesmo, por parte do aluno, é bem maior do que muitos professores imaginam. É válido ressaltar que, o professor pode, sim, ajudar seu aluno a ter

uma visão de um mundo melhor e a ser crítico em suas leituras, como também, pode ser um trauma a essa criança podendo-a na sua criatividade e tirando-lhe o direito à leitura e à crítica. Corroborando, Perroti (1990) afirma que os professores, muitas vezes, pedem leituras demais e entendimento de menos, o que acaba levando os alunos a terem aversão a essa prática. Assim para esse autor,

Os modelos pedagógicos baseados na obediência do aluno a regras definidas pelo professor seriam por si só responsáveis pelo afastamento de crianças da leitura, assim como causadores de um mal-estar na relação professor-aluno, automaticamente transferido para a relação leitor-texto. (PERROTI, 1990, p. 71-72).

Os professores deveriam trabalhar com base na qualidade da leitura e na compreensão dos alunos, discutir e ouvir a opinião dos mesmos para a construção do entendimento e sua aplicação no dia-a-dia. Nesse sentido, não será com técnicas que conduzem ao isolamento, ao distanciamento, mas sim com ações que levem à participação, à inserção crítica e plena no processo cultural global, com atitudes promocionais que respondam a desejos efetivos de conhecimento que se poderá gerar e, mais que isso, manter imagens positivas da leitura junto a crianças e jovens. (PERROTI, 1990, p.75). Então, a leitura precisa ser apresentada aos alunos de forma mais agradável sem imposições pra que eles sozinhos escolham o que queiram ler e o professor entra como mediador entre o leitor e a leitura instigando, motivando, ensinando e descobrindo o conhecimento e o interesse do aluno pela leitura.

Quando o leitor está em processo de formação é preciso que haja complacência daquele que medeia a leitura, ou seja, entender que o nosso processo de aprendizagem não se dá do mais complexo para o mais simples e sim o inverso. Assim, é importante a leitura que o outro está fazendo, pois essa leitura pode servir de parâmetro ao professor para indicar obras ao seu aluno. (SILVA; BORTOLIN, 2006, p.76). O autor nos coloca que é preciso respeitar a leitura do aluno conquistando a sua confiança, pois o que geralmente acontece são imposições de leituras sem levar em conta a compreensão do leitor o que acabará por afastá-lo dos livros. Na mesma linha de pensamento, Freire (1991, p. 21) levanta uma questão muito importante para o nosso contexto quando ele trabalha o aprendizado da criança enfocando-o como sendo:

Uma curiosidade viva, uma significação profunda e não como simples tabletes de conhecimento e que o aprendizado deve ser espontâneo, ou seja, que os alunos fossem se interessando e relacionando para depois serem capazes de memorizá-los, pois: a memorização mecânica da descrição do objeto, não se constitui em conhecimento do objeto.

Por sua vez, Marzola (1988, p. 29), nos coloca que o objetivo da escola é “a busca do conhecimento transmitido pela escola e que vai desde o ‘aprender a ler, escrever, fazer contas e se comunicar’ até o ‘aprender muito’, porque o que a escola ensina representa a base para toda a vida”. Ressalta também, que o saber escolar está diretamente ligado à inserção do indivíduo no mercado de trabalho, ou seja, a escola é responsável pela formação e conscientização de seus alunos no que tange ao futuro deles, pois crianças que serão jovens e adultos em um futuro bem próximo precisam ter acesso ao mercado de trabalho, precisam fazer parte de uma população economicamente ativa para poder exercer e exigir seus direitos e deveres de cidadão. Mas, é válido lembrar que para as crianças chegarem até a escola precisam ser conduzidas pela família a qual, muitas vezes, não tem a consciência de que o acesso à escola hoje pode garantir o futuro de seus filhos amanhã. E a escola hoje é uma instituição que ainda está muito distante da prática, de exercer de fato o que é de direito da comunidade, ela virou uma espécie de cumprimento de tarefas, o professor só cumpre sua obrigação de dar aula, os pais empurram os filhos para a escola, pois a frequência escolar garante o bolsa família², e os filhos voltam para casa sem formação de cidadania e, no máximo, aprendem a ler. Em virtude das condições econômicas, as famílias priorizam o trabalho, a entrada de renda para ajudar nas despesas, a ficar perdendo tempo com estudos, pois é esse o dilema que sofre a maioria das crianças e adolescentes de baixa renda. Fragoso (2005, p. 170, grifo nosso) nos apresenta a escola como sendo

Uma instituição que ainda se distancia da teoria estabelecida por legislações e conceitos acadêmicos. Na escola real, as legislações e teorias, muitas vezes, são distorcidas e chegam a transformá-la numa espécie de *shopping* cultura. Tem de tudo nessa nova escola do consumo do lazer à violência. A interação da escola na comunidade é vivida de maneira inadequada, e os portões das escolas são abertos não para projetos integrados entre a comunidade e a escola, mas muitas vezes, apenas para gerar recursos financeiros para sua manutenção.

² O Bolsa-Família nasceu na gestão do presidente Lula, como um ajuste do programa Bolsa-Escola, que é um programa nascido na gestão de Fernando Henrique Cardoso, em 2001.

Ainda, tratando da escola, Marzola (1988, p.25) afirma que essa instituição continua sendo “um canal de seletividade, ou seja, na reprodução da divisão social, estatísticas oficiais nos mostram que os índices de repetência e de evasão escolar são elevadíssimos”. Para a referida autora, o insucesso escolar não se distribui de uma forma aleatória entre as diferentes classes sociais, mas se concentra nas classes menos favorecidas economicamente e, é esta classe, que forma um contingente de excluídos. Isso acontece porque estas classes menos favorecidas não tiveram acesso à escola, por isso, não têm essa consciência de que a leitura, a educação é a melhor herança que eles podem deixar para seus filhos, mas ao invés de incentivá-los a ir à escola eles preferem incentivá-los ao trabalho, seja de pedinte ou não, o que importa é trazer alguma renda para a família. Mas, em alguns casos, a situação é inversa os pais vão para o trabalho e deixam as crianças em casa sozinhas, logo, elas passam o dia na rua e pouco se lembram que existe escola e, é essa mesma rua, que ensina a roubar, a ser agressivo. Parece que não temos saída, o sistema não ampara, ele sufoca esta classe excluída e esse mesmo sistema social recebe a resposta da pior forma possível que é a violência, materializada nos homicídios, nos assaltos entre outras coisas.

2. 4. 1 O professor como mediador de leitura

No Brasil, as instituições de ensino vivem no submundo da escola, poucas valorizam a importância da leitura em seu cotidiano, o ensino fica centrado apenas em disciplinas básicas e informações restritamente transmitidas pelo professor, sem que o aluno possa ser o agente de sua aprendizagem. Assim, o professor que deveria ser um mediador da aprendizagem, na realidade, se transforma em um mero repetidor de conteúdos, sem se dar conta de seu papel como grande incentivador do aluno a fim de que ele possa vir a aprender a pensar, criar e se posicionar diante da vida.

Para que o professor possa atuar como mediador de leitura, precisa que em sua formação esse tema seja contemplado, a fim de que ele possa contribuir de forma mais efetiva à promoção da leitura e à formação do leitor. A esse respeito Perrotti (1990, p. 81) afirma que sem uma formação

Que atente para a complexidade nessas relações da criança com a leitura, sem clareza quanto o seu papel, ao lugar da leitura na vida social, aos vínculos

profundos existentes nas práticas de leitura, cultura e sociedade, sem conhecimento profundo dos materiais de leitura, cultura e sociedade, sem conhecimento profundo dos materiais de leitura a serem oferecidos, é difícil imaginar uma situação decisiva de agentes diversos na busca de reversão do quadro atual.

Discute-se que falta leitura aos professores, por isso, há falta de compromisso com o trabalho de leitura, ainda que todos os requisitos ideais necessários a uma prática de ensino de leitura fossem efetivados na escola, seria indispensável à presença de professores leitores. Porém, na maioria das vezes, os professores desconhecem a importância da leitura por falta de informação e, em razão disso, torna-se difícil que eles possam colaborar mais efetivamente para o processo de leitura de seus alunos. É preciso que os professores compreendam que a leitura não pode ser vista apenas como um ato mecânico de decodificação de signos lingüísticos. Para que se processe a verdadeira leitura, é necessário que o sujeito construa sentidos sobre o que está lendo. Contudo, essa habilidade precisa ser incentivada e o professor, deve ser o mediador nesse processo, atuando como elo entre o livro e o aluno, promovendo momentos de discussões críticas, nas quais os alunos possam expressar seu entendimento daquilo de leram. Contribuindo com o nosso pensamento Zilberman (2003, p. 16 *apud* SOUZA F., 2005, p. 224) descreve que:

[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorado, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança.

Para aprender a gostar de ler as crianças primeiro precisam ser incentivadas, os professores precisam expô-las, freqüentemente, aos textos para que elas possam criar uma intimidade maior com a leitura.

2.5 A leitura na família

As crianças e os adolescentes são os indivíduos que mais ficam à margem da sociedade, pois sofrem com violência, exclusão escolar, prostituição e outras situações. Com isso, podemos salientar que uma grande parcela da população sofre com algum tipo de exclusão. Conforme Boff (1997, p. 81)

Excluído é um termo relacional: é-se excluído sempre em relação a alguma coisa.

Assim, um analfabeto pode ser excluído do voto; um operário, ser excluído da propriedade; uma mulher, dos direitos de pessoa humana e assim por diante. Pois bem, quando falamos aqui da 'exclusão' falamos da exclusão em relação ao sistema social. Excluídos são aqueles que sobram no sistema formal, os que não cabem na sociedade oficial, os inúteis, os desnecessários.

Observamos nessa passagem que o excluído busca trazer a palavra em sua forma mais simples possível de forma que entendamos seu verdadeiro significado e ainda acrescenta que a exclusão é a nova forma de pobreza de hoje, pois os pobres são excluídos primeiro, do mercado de trabalho e depois, da sociedade. Enfim, da vida.

A família consiste na base para a formação de uma criança, ela pode transmitir os primeiros conhecimentos, porém, muitas famílias não têm essa consciência ou essa formação deixando as crianças entregues às ruas onde, na maioria das vezes, se tornam vítimas do crime e de um mundo completamente excludente. A esse respeito Gregori (1998, p. 21), afirma que:

A família deveria ser inserida prioritariamente nas intervenções psicossociais, já que é o campo privilegiado do pertencimento emocional e matriz da identidade. Todavia, a família é evocada como a causadora de problemas e foco de resistência a mudanças sem que se lembre que ela também é a congregação de experiências e de entrelaçamento social que pode permitir, promover e sustentar mudanças.

No que diz respeito à escolaridade dessas famílias não é difícil imaginar que apontam um baixo nível escolar, portanto, sua contribuição como incentivadores para que seus filhos frequentem a escola provavelmente não terá grande peso. Porém, mesmo que o fosse, a questão não é somente fazer com que as crianças frequentem a escola, pois frequência serve para levantar dados estatísticos, o que queremos levantar é a questão da evasão escolar e os motivos podem ser de todas as naturezas desde a econômica, onde a criança não vai ou porque não tem o dinheiro da passagem, ou porque não se alimentou hoje, ou ainda porque não tem roupa para usar; até a social que é o preconceito por não saber ler, por se encontrar fora de faixa etária e ainda cursando o Ensino Fundamental. Corroborando, Prates e Prates (1999 *apud* GREGÓRI, 1998), afirmam que há uma série de fatores econômicos e sócio-afetivo, com a presença da desconfiança e da rejeição social, e a escola torna-se um espaço social que se fecha e é parte de trajeto do menino para as ruas.

A rua oferece a essas crianças um forte atrativo em concorrência com a escola que, é o dinheiro. Enquanto as crianças que vão à escola chegam em casa e, geralmente, não têm o que comer aquelas que passam o dia na rua pedindo ou comentando pequenos furtos chegam com dinheiro, comprando doces e lanches para comer o que os deixa cada vez mais interessados para voltar no dia seguinte. Quando se trabalha com crianças e adolescentes em situação de rua, observa-se que os programas sociais que os amparam não se preocupam com suas famílias, a grande atuação está inteiramente voltada para as crianças. Falta um trabalho junto às famílias para que elas também possam contribuir com a formação dessas crianças. O que se observa, empiricamente é que, quando as crianças que são assistidas por esses programas retornam às suas casas, se deparam com uma realidade muito dura, pois, muitas vezes os pais estão bêbados, as mães estão na rua e em casa não há alimentação nem afetividade. Então, é claro que eles vêm a rua como única alternativa. Rizzini (2005), completa afirmando que

Às famílias dessas crianças não são asseguradas condições mínimas para que possam viver dignamente e manter os filhos em seus lares. Apóia-las e fortalecê-las seria o caminho mais seguro para a promoção de políticas de defesa da infância e da juventude, do seu direito de exercer sua cidadania.

Diante desse contexto é válido ressaltar que as famílias precisam e merecem de todo um cuidado e atenção especial em programas sociais, pois falta a elas instabilidade financeira seguida da emocional, diálogo, ou seja, são famílias destituídas de qualquer amparo social. As famílias precisam ocupar lugar de destaque em programas de implementação de políticas públicas. Nesse sentido, já observamos que, atualmente, essa situação está mudando e os programas, aos poucos, estão se voltando também para as famílias oferecendo a elas informações, orientações e, muitas vezes, ajudas financeiras, pois eles observaram que precisavam trabalhar o todo, criança e família, para, posteriormente, colher os resultados do programa.

A família como instituição educadora é à base de formação do sujeito. Nela, as crianças procuram espaço para que possam ser ouvidas e percebidas enquanto cidadãos. A família é que deve proporcionar às crianças os primeiros contatos com as leituras de modo a criar desde a infância o contato com a palavra escrita incentivando e proporcionando a essa criança a oportunidade de sonhar. Freire (1981, p.21) corrobora quando descreve que a vivência com os mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios e

os seus valores, a vivência também com os animais de estimação de sua família e todas essas lembranças que fazem parte de uma infância saudável para o acúmulo de boas experiências e, conseqüentemente, a formação de um cidadão que possa refletir boas práticas sociais. E, que é a partir dessas primeiras experiências, de compreensão das coisas, que ele foi introduzindo na leitura da palavra, afinal “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica continuidade da leitura daquela”.

A sociedade se desenvolve, o mercado de trabalho absorve cada vez mais o tempo das pessoas e as crianças ficam abandonadas com estranhos ou mesmo sozinhas. São poucos os pais que páram e se sentam com seus filhos para conversar como foi o seu dia na escola, perguntar sobre o quê ele quer falar e outras coisas mais. As famílias modernas vivem apressadas e não dispõem de tempo para seus filhos, o emprego é mais importante, afinal é ele que garante a sobrevivência e sua falta leva à miséria. Agindo assim, deixam de entender que sua contribuição para seus filhos não é apenas financeira, e sim que possuem papel importante como construtores de conhecimento não esquecendo de relacionar esses objetos e experiências com o conhecimento já adquirido pela criança.

Os conhecimentos, as experiências que um indivíduo possui sobre o mundo vão constituir um elemento primordial na compreensão da leitura, pois compreender é estabelecer pontes e enriquecer um mínimo de informação, as pontes estabelecidas são entre o conhecido e o desconhecido (GRÉGOIRE; PIÉRART, 1997, p. 30).

Segundo Piaget (1975) a criança passa a maior parte do tempo reproduzindo toda a espécie de resultados interessantes, evocados pelos espetáculos ambientais, e só escassamente procura estudar as novidades em si mesmas, e efetuar experiências. O que Piaget (1975) se refere é que a criança vai apenas acumulando, absorvendo conhecimento e seus atos e ações são provocadas quase que involuntariamente pelas ações ambientais e apenas quando estão sem receber qualquer tipo de impulso é que irão usar os já anteriormente adquiridos.

3 CAMINHOS TRILHADOS PARA OS ACHADOS

Este trabalho pretende mostrar como a leitura é decisiva na formação social de um indivíduo, ou seja, é através do acesso à educação que a criança pode ser incluída na sociedade; mostraremos também alguns fatores envolvidos nesse processo social. E, para isso, foi feita uma abordagem ancorada em vários teóricos: Freire (1984), Piaget (1975), Alencar (1982), Sandroni e Machado (1998) e outros.

O estudo caracteriza-se por ser exploratório que para Gil (1999) esse nível de pesquisa tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Cervo (2007) nos faz entender que a pesquisa exploratória não requer a elaboração de hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e a buscar mais informações sobre determinado tema de estudo. Esse tipo de pesquisa realiza descrições precisas da situação e requer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes.

O caminho a percorrer para se chegar à concretização de uma pesquisa é denominado método e é através deste que se parte para concluir a pesquisa. Então, decidimos utilizar o método dialético para nortear nossa pesquisa. O método dialético conforme Gil (1999) é um conceito bastante antigo. Foi utilizado por Platão no sentido de arte do diálogo e na Antigüidade e Idade Média era utilizado para significar lógica. A concepção moderna da dialética é fundamentada por Hegel que defende que a lógica e a história da humanidade seguem uma trajetória dialética, nas quais as contradições se transcendem, mas dão origem a novas contradições que passam a requerer soluções.

Demo (2007) considera a dialética a metodologia mais conveniente para a realidade social, pois, o conflito social é tomado como estrutura da história no sentido de que a dialética não pode acabar um dia como um simples passe de mágica e que dialéticos que forjam um 'porto seguro' traem a concepção conjuntural do conflito social.

E Gil (1999) completa que o materialismo dialético pode, pois, ser entendido como um método de interpretação da realidade, que se fundamenta em três grandes princípios: a unidade dos opostos, a quantidade e qualidade, a negação da negação. Esse método foi escolhido para fundamentar esta pesquisa porque a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade.

O campo de pesquisa foi a Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Aloysio Barros Leal, situada no Conjunto João Paulo II (Jangurussú), bairro periférico de Fortaleza estando situada à Rua 10 s/n, foi construída em 1985, durante o mandato do Governador Luís Gonzaga da Fonseca Mota. É uma escola mantida pelo Governo do Estado do Ceará e oferece desde o 3º ano do Ensino Fundamental até o 3º Ano do Ensino Médio, atualmente atende a 1.336 alunos nos três turnos (manhã, tarde e noite), possui 35 professores e 10 funcionários. Oferece também o EJA (Educação de Jovens Adultos) e o TAM (Tempo de Avançar Médio). Embora a escola ofereça alguns recursos para a efetivação do ensino e aprendizagem, não possui uma biblioteca formalmente estruturada. Lá, existe uma sala com alguns livros.

Para a coleta de dados utilizamos a entrevista para esclarecer melhor os objetivos e facilitar a compreensão. Gil (1999) considera a entrevista como a técnica que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. “A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. A entrevista, enquanto coleta de dados, é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem, desejam ou pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. (SELLTIZ, 1967 *apud* GIL, 1999).

A estrutura da entrevista trabalhada é do tipo semi-estruturada, pois o que pretendemos com esse tipo de entrevista é obter uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de algumas características do entrevistado, tal entrevista é recomendada para estudos exploratórios. Assim, utilizamos a entrevista para coletar dados junto aos alunos e pais, com o objetivo de desvendar seus interesses pela leitura.

Utilizamos também o questionário aplicado aos professores no intuito de levantar dados relevantes aos nossos interesses de pesquisa. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado. Não é recomendado o uso de gírias, a não ser que se faça necessário por necessidade de características de linguagem do grupo (grupo de surfistas, por exemplo). Amaro (2005) corrobora esta visão afirmando que:

O questionário é um instrumento de investigação que visa a recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos.

O questionário é extremamente útil quando um investigador pretende recolher informações sobre um determinado tema. Deste modo, através da aplicação de um questionário a um público-alvo constituído, por exemplo, de alunos, é possível recolher informações que permitam conhecer melhor as suas lacunas, bem como melhorar as metodologias de ensino podendo, deste modo, individualizar o ensino quando necessário. A importância dos questionários passa também pela facilidade com que se interroga um elevado número de pessoas, num espaço de tempo relativamente curto. Os questionários podem ser de natureza social, econômica, familiar, profissional, visando a conhecer suas opiniões, atitudes em relação a opções ou a questões humanas e sociais, suas expectativas, seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, etc. Para coletar os dados desta pesquisa, utilizamos questões abertas, pois, nossa pretensão de forçar uma resposta, ou seja, enquadrar o pensamento do respondente em alternativas pré-estabelecidas, porém, que ele possa se expressar a respeito de alguns questionamentos sobre este objeto de estudo.

A amostra foi do tipo aleatória para que, assim, todos tenham a mesma probabilidade de participação da coleta de dados. Apoiamo-nos na estatística para definirmos a amostragem dos participantes da pesquisa. Como a população concernente a esses indivíduos é finita utilizamos a fórmula seguinte para determinar o tamanho dessa amostra:

$$n = \frac{\alpha^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{e^2 \cdot (N-1) + \alpha^2 \cdot p}$$

Onde:

α = nível de confiabilidade

N = número total da população

p = porcentagem com a qual o fenômeno acontece

q = porcentagem complementar (100 – p)

e = erro máximo permitido

A amostra dos professores foi constituída de dez (10) participantes que exercem suas funções na escola, não havendo distinção de sexo, tampouco de disciplinas ministradas. Em relação à amostra dos pais das crianças e adolescentes que estudam na Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Aluysio Barros Leal, também escolhemos 10 participantes e as entrevistas foram conduzidas nas próprias residências.

Os dados referentes às crianças e adolescentes se referem a 76 alunos que estudam na referida Escola, neste sentido a população foi finita e o estudo feito por amostragem. Cervo e Bervian (1996) nos definem amostragem como sendo: “a coleta de dados de uma parte da população, selecionada segundo critérios que garantam sua representatividade”.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

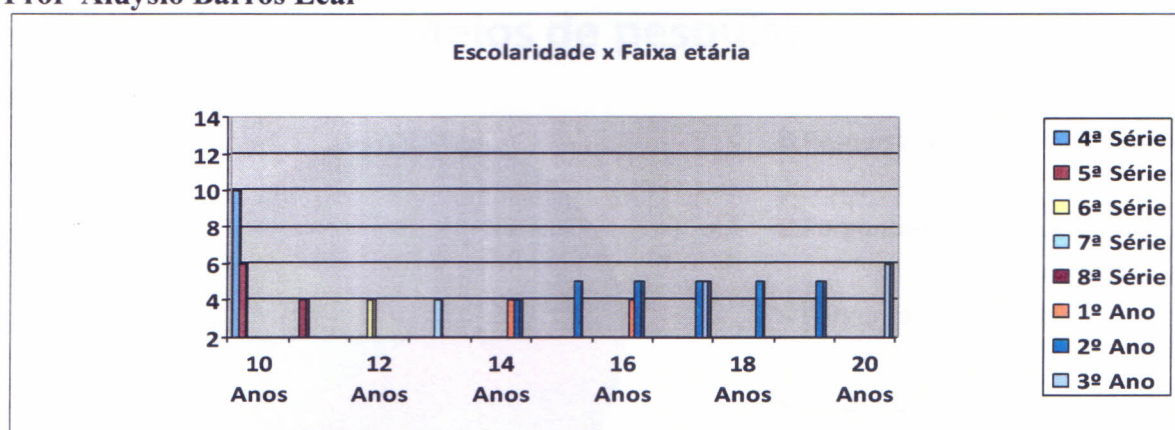
A partir da tabulação de informações colhidas através dos questionários e entrevistas nas dependências da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Aluysio Barros Leal, foi possível reunir um conjunto de categorias: caracterização das crianças e adolescentes; contribuição da leitura para a mudança de crianças socialmente excluídas; ação do professor por meio da leitura na mudança de crianças socialmente excluídas; dificuldades dos alunos em relação à leitura; perspectivas das crianças e adolescentes que não sabem ler.

Ainda visando ao melhor entendimento das análises, juntamos algumas das questões dos professores, pais e alunos para serem analisadas de forma mais integrada. Consideramos necessário tentar descrever, com a maior clareza possível, alguns procedimentos aqui adotados, conforme as explicações que se seguem. Para tanto, tivemos que elaborar as seguintes convenções: **A** (aluno), **P** (pais) e **D** (docentes).

A) Caracterização das crianças e adolescentes pesquisados

Na entrevistas feitas com os alunos constatamos que, a maioria deles, encontra-se na faixa etária entre 13 a 20 anos o que corresponde a 65% (Gráfico1). Esses dados podem ser resultantes do fato de que, as entrevistas foram feitas de forma espontânea, quer dizer, o pesquisador, orientado pela diretora da escola, se posicionou em pontos estratégicos a fim de chamar a atenção dos alunos. Percebendo que havia uma pessoa estranha na escola, eles se aproximavam por curiosidade, outros conheciam o pesquisador e se dirigiam a ele a fim de cumprimentá-lo. Aproveitando esse contexto as entrevistas iam sendo feitas com os alunos que se aproximavam, sem uma preocupação na escolha de faixa etária. Essa decisão foi tomada em razão do grande número de alunos da escola e ao pouco tempo para se efetivar a pesquisa. Então, tornava-se inviável que as entrevistas fossem feitas em cada sala-de-aula.

Gráfico 1 - Idade e escolaridade dos alunos da Escola de Ensino Fundamental e Médio Profº Aluysio Barros Leal



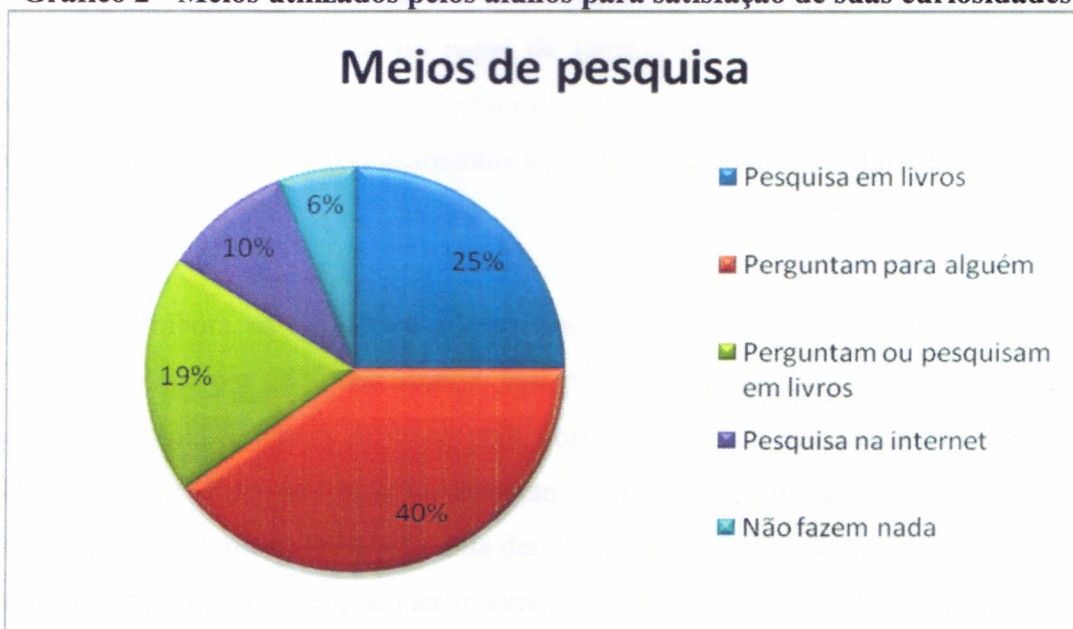
Fonte: Pesquisa *in loco*

Estes dados de certa forma nos surpreenderam, pois, a partir de observações empíricas, acreditávamos que haveria uma distorção maior entre a faixa etária e a escolaridade, mas foi constatado que os entrevistados não apresentam um desnível elevado. Pois, para um sistema educacional seriado, existe uma adequação entre a série e a idade do aluno. No caso brasileiro, considera-se a idade de 7 anos como sendo ideal para o ingresso no ensino fundamental, cuja duração, normalmente, é de 8 anos. Segundo a nova Lei nº 11.274, de fevereiro de 2006, o Ensino Fundamental obrigatório deve ser de nove anos, iniciando-se aos seis anos de idade, então o Ensino Fundamental antes de 1ª a 8ª série, com crianças de sete a 14 anos, passará 1º ao 9º ano, com jovens de 6 a 14 anos, e as escolas tem até 2010 para se adaptarem a essa nova realidade.

B) Contribuição da leitura para a inclusão de crianças socialmente excluídas

Em razão de que o cerne de nossa pesquisa é verificar a contribuição da leitura para a inclusão de crianças socialmente excluídas, buscamos conhecer, inicialmente, o nível de interação dos sujeitos envolvidos na pesquisa com a leitura. Então, indagamos sobre o que fazem quando querem aprender ou descobrir algo. A maioria dos alunos (40%) entrevistados respondeu que quando quer descobrir/aprender sobre alguma coisa perguntam para alguém. Em segundo lugar, ficou a pesquisa em livros, com 25% de respostas. Os dados encontram-se no Gráfico-2.

Gráfico 2 - Meios utilizados pelos alunos para satisfação de suas curiosidades



Fonte: Pesquisa *in loco*

Conforme os dados coletados na entrevista percebe-se a grande importância das fontes de informações orais como recursos que os alunos buscam para responder as suas curiosidades. Isso pode ser decorrente da falta de domínio da leitura por parte de alguns alunos, ou ainda, pelas características da cultura brasileira que se pauta, principalmente, na oralidade e, tratando-se de um Estado da Região Nordeste, como é o caso do Ceará, esse fato ainda é muito mais acentuado. As falas dos alunos ilustram essa questão:

“Pergunto e fico prestando atenção” (A1).

“Pergunto” (A2)

“Pergunto pra alguém” (A3)

“Pergunto pra minha mãe” (A4)

Também chama atenção nas falas dos alunos que nenhum deles mencionou tirar suas dúvidas com o professor ou a professora. Isso demonstra que a relação professor/aluno não está sendo cultivada no cotidiano desses alunos, o professor precisa trabalhar melhor com seus alunos através de atitudes e métodos que eles se sintam seguros e motivados a perguntar sobre suas curiosidades, é o modo de agir do professor em sala-de-aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor que, por sua vez, reflete valores e padrões da sociedade. Outro fato que chama a

atenção é a presença da mãe como uma fonte de informação oral para os alunos estabelecendo uma forte relação no papel da família no processo de aprendizagem. Em realidade, essas falas ratificam que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, pois os alunos chegam à escola com conhecimentos anteriormente adquiridos durante seus primeiros anos de vida.

Embora, esteja patente a importância da oralidade, merece destaque a consulta de livros, apontada por 25% dos alunos. Isso pode ser um reflexo da situação em que se encontram as escolas públicas de nosso país, pois, demonstra a dissociação do livro na vida escolar dos alunos. Esse fato pode ser também decorrente de que na escola não existe uma biblioteca de fato. O que existe é uma sala denominada de multimeio, na qual os livros estão literalmente empilhados, sem qualquer tratamento técnico, o que dificulta o acesso por parte dos alunos. Essa sala tem como responsável duas professoras impossibilitadas de estarem na regência de classe.

Em nossas observações, percebemos que realmente esse espaço se assemelha a um depósito cuja função se restringe à guarda dos livros. A sala tem um tamanho regular, que poderia ser utilizado para atividades culturais, de leituras ou de socialização por parte dos alunos. Essas práticas de leitura poderiam ser desenvolvidas de forma que o aluno tivesse maior contato com os materiais bibliográficos e se apropriassem do conhecimento registrado. Assim, ao terem dúvidas sobre alguma coisa, provavelmente, recorreriam aos livros. É lamentável que o nosso sistema educacional, não ofereça os recursos necessários para que as escolas possam trabalhar a prática de leitura com os alunos e, com isso, fosse possível elevar o seu baixo índice de leitura.

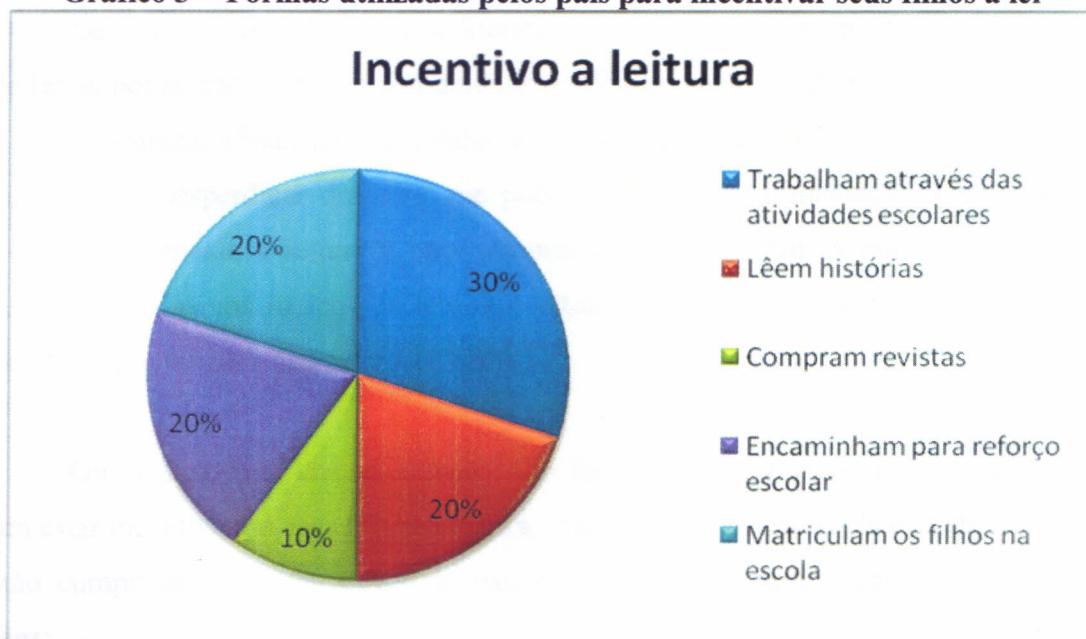
Outro fato que chamou nossa atenção foi o dado de que os alunos utilizam a *Internet* para pesquisa, haja vista que são alunos da periferia, com baixo poder aquisitivo, e a escola não oferece nenhum tipo de acesso a estes recursos. Mas, temos de salientar, que as tecnologias ultrapassam qualquer barreira, inclusive a econômica e, foi diante deste contexto, que surgiu os *Ciber café* ou *Lan house*, possibilitando dessa forma o acesso à *Internet* a pessoas que não podem comprar um computador ou até mesmo pagar uma assinatura de acesso à rede. Então, foi este o meio declarado pelos alunos que fazem pesquisa na *Internet*, a utilização das *Lan house's*, que oferecem vários tipos de recursos como: gravação de *CD's*,

DVD's, ouvir música, assistir a filmes, além de digitação, impressão e bate papo *on line*.

Outro dado levantado pela nossa pesquisa e que não podemos ignorar, se trata da declaração de 6% dos alunos entrevistados ignorarem suas curiosidades. Atribuímos isso a vários fatores como a falta de uma prática de ensino que leve o estudante a aprender a refletir sobre o mundo que o cerca, ao diálogo entre si, seus colegas e com os professores, a falta de domínio da leitura, a ausência de um espaço no qual os alunos tivessem mais liberdade de expressão e a biblioteca poderia ser esse espaço.

Em nossa pesquisa buscamos também, conhecer qual a participação dos pais em relação à leitura a fim de descobrir qual a sua contribuição para desenvolver o gosto pela leitura na vida de seus filhos, visto que a família consiste a base para a formação de uma criança é ela que transmite os primeiros conhecimentos. Então, indagamos de que forma os pais incentivavam seus filhos à leitura? As respostas foram bastante interessantes, pois se notou uma participação relevante dos pais no que tange à leitura dos filhos. Observem no Gráfico-3 as respostas dos pais.

Gráfico 3 - Formas utilizadas pelos pais para incentivar seus filhos a ler



Fonte: Pesquisa *in loco*

É bastante interessante ressaltarmos a participação de 30% dos pais nas atividades escolares dos filhos levando em consideração o baixo índice de escolaridade dos

mesmos, mas é justificado por eles que é a única forma de acompanhar o desenvolvimento dos filhos. Vejam-se algumas falas:

“Peço para vê as tarefas da escola” (P1)

“Ajudo meu filho a ler suas tarefas” (P2)

“Leio para ele e depois pergunto se ele entendeu” (P3)

As respostas anteriores vêm de encontro aos 20% que encaminham os filhos para o reforço, porém chega a ser justificável se levarmos em consideração que esses pais não foram alfabetizados.

“Pago reforço para ele” (P9)

“Levo ele para o reforço” (P10)

É surpreendente que 10% dos pais afirmaram utilizar uma forma bem interessante para incentivar seus filhos a ler e a estudar, pois lhes presenteiam com revistas de sua escolha quando os filhos têm bom rendimento na escola. Essa é uma atitude muito corajosa, visto que não é de nossa cultura gostar de ler, ou seja, ser presenteado com livros quando podemos ganhar roupas, brinquedos, passeios e outras infinitudes de coisas.

Isso chama atenção, pois, a literatura normalmente afirma que brasileiro não gosta de ler, e, por se tratar de uma comunidade periférica, jamais poderíamos imaginar uma atitude dessa natureza, afinal, tem-se a idéia de que nessas comunidades, comprar livros ou revistas, significa desperdiçar dinheiro que pode faltar para a alimentação, visto que, no Brasil, quem têm acesso à leitura é uma minoria privilegiada, pois a realidade brasileira consiste ainda em baixos índices de leitura e altos índices de analfabetismo. Veja a fala seguinte: “Compro revistas que ele gosta”. (P8).

Outro dado que chama atenção é o fato de que 20% dos pais entrevistados alegaram estar incentivando seus filhos à leitura, matriculando-os na escola e ainda ressaltam que estão cumprindo com seu dever de pai, como pode ser demonstrado nas seguintes passagens:

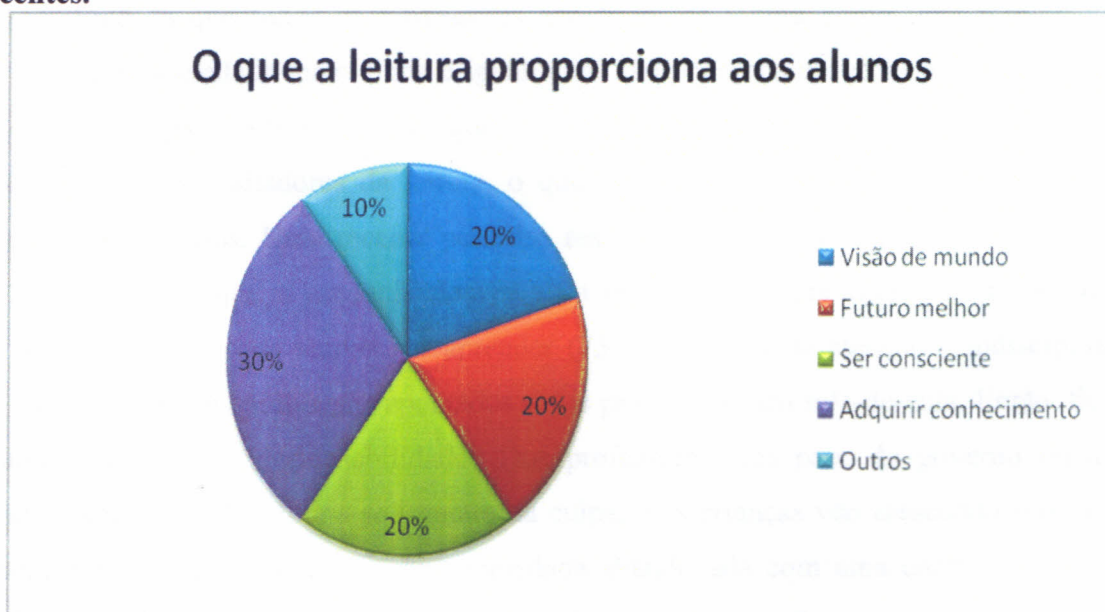
“Eu já matriculo ele na escola, coisa que a minha mãe nunca fez”. (P4).

“Apenas matriculo eles na escola e todo dia mando eles para aula”. (P7).

Podemos atribuir essa atitude a inúmeros fatores como: analfabetismo dos pais, falta de diálogo família/escola, falta de recursos destas famílias, visto que em sua maioria, são pessoas que vivem à margem da sociedade. Além do mais, os pais transferem somente para a escola, a responsabilidade no incentivo à leitura, quando na realidade, eles também devem assumir seu papel como educador e, assim, contribuir com a escola no processo de incentivo à leitura. A literatura abordada ao longo desse ensaio ratifica nosso ponto de vista, pois, sempre coloca a necessidade de família e escola estarem juntos no processo de ensino e aprendizagem, portanto, também no incentivo ao gosto pela leitura.

Buscamos também em nossa pesquisa averiguar a opinião dos professores em relação à leitura, visto que ele é um mediador nato nesse assunto, logo, pode facilitar a relação entre o leitor e o texto, afinal a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Então, indagamos aos professores se eles acreditam que a leitura mudaria a vida de crianças e adolescentes socialmente excluídos? Todos afirmaram que sim, e justificaram suas respostas, que se encontram representadas no Gráfico- 4.

Gráfico 4 - Visão dos professores, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Profº. Aluysio Barros Leal, com relação à contribuição da leitura para mudança de crianças e adolescentes.



Fonte: Pesquisa *in loco*

Nessas respostas, podemos constatar o que pensam os professores sobre o que a leitura poderia fazer na vida desses alunos, pois quem lê pode ter uma visão melhor do

mundo, terá mais motivos para sonhar, pensará em seu futuro de forma diferente com mais consciência, visto que, a leitura abrange conhecimentos, ajuda no desenvolvimento cultural e intelectual, na socialização, além do prazer, os tornando pessoas mais capazes para contribuir com a sociedade. Eis, a seguir algumas falas dos professores: “Uma criança que ler tem mais consciência” (D2). “Quando uma criança sabe ler ela pensa diferente, ela pensa em seu futuro, em mudar de vida” (D3). “Porque só a leitura é capaz de mudar esse país” (D6). Além do mais, “A leitura abrange conhecimentos, ajuda no desenvolvimento cultural, no conhecimento social e na conscientização de que cada um pode contribuir para uma sociedade melhor”. (D1). “Através da leitura uma pessoa pode ser inclusa na sociedade”. (D8). “Uma criança que lê terá uma mente mais aberta”. (D5). Para outros, “A leitura propicia conhecimento e conseqüentemente oportunidades aparecerão para o aproveitamento desse aprendizado”. (D4). “Ela teria outra visão de mundo e teria novos sonhos”. (D7). “A leitura é capaz de transformar um indivíduo”. (D10). Em outra passagem, o professor se expressa asseverando o seu papel de educador, e portanto, a sua função de mediador da leitura:

“Sou educadora e acredito que a educação é a ferramenta capaz de mudar uma sociedade, e conseqüentemente a leitura trabalhada de forma contínua é capaz de mudar uma pessoa, uma vida”. (D9).

Embora que todos os professores acreditem na leitura como uma ferramenta crucial para uma sociedade mais digna e igualitária, não podemos esquecer a existência de inúmeros fatores que contribuem para que os professores se frustrem em relação a seu verdadeiro papel de mediadores da leitura, o que acarreta prejuízos no investimento dos mesmos em seus alunos. Uma recente pesquisa realizada pelo Ibope e pela Revista Nova Escola (2008) revela que a ausência dos pais no processo de aprendizagem dos alunos (77%), a desmotivação dos alunos em aprender (73%) e a falta de atenção e indisciplina (69%), são os principais problemas apontados pelos professores em sala-de-aula. Então, fica a questão de quem é a responsabilidade? Dos professores, dos pais, do governo ou da sociedade como um todo? Todos se isentam da culpa, e as crianças vão crescendo sem um acompanhamento o que resulta em uma sociedade abandonada com uma enorme onda de violência e miséria, pois são esses os resultados de um país que não investe em educação. Em relação à contribuição dos professores, apresentamos na seção seguinte, suas inferências a partir de nossos questionamentos.

C) Ação do professor por meio da leitura na mudança de crianças socialmente excluídas

Analisemos na categoria anterior a percepção dos professores em relação à leitura. Nesta seção, nosso interesse é fazer um cruzamento entre suas falas e as suas ações efetivas para a mudança dos alunos socialmente excluídos. Com outras palavras, se torna interessante para nós sabermos o que eles fazem para mudar esse contexto, já que afirmaram anteriormente, acreditar que a leitura pode transformar crianças e adolescentes que se encontram nessa situação. Nossa intenção com essa questão diz respeito ao fato de que consideramos o professor uma ferramenta fundamental na luta pelo incentivo à leitura, pois a escola ocupa um grande espaço na vida social de uma criança e, dependendo da habilidade dos professores, poderá ter uma enorme influência no gosto pela leitura. Assim, indagamos qual a contribuição dos professores para que a leitura possa mudar a vida de crianças socialmente excluídas?

Do total de professores que participaram da pesquisa apenas 70% afirmou incentivar seus alunos a lerem em sala. Para nós foi uma surpresa, pois esperávamos que todos (100%) trabalhassem na perspectiva do uso da leitura como um elemento que contribuiria para mudar a vida de crianças socialmente excluídas. Independentemente da maneira ensinada, esperávamos que todos os professores estivessem engajados na luta pela inclusão de alunos socialmente desfavorecidos. Desse total, alguns incentivam através de exercícios de leitura e também dando tarefas de casa que contemplem essas atividades, com o intuito de deixá-los cada vez mais familiarizados com os livros. Eis algumas falas para justificar nossa análise. “Procuro incentivá-los a ler através de projetos que são desenvolvidos durante o ano letivo”(D1); “Incentivo conscientizando que sem leitura, sem estudo elas não irão a lugar nenhum” (D3). Outros são mais incisivos em suas falas, pois, apresentam ações efetivas para o incentivo à leitura, como podemos ver em seus discursos:

“Ministro aulas envolvendo leitura, deixando-os mais familiarizados com os livros” (D4);

“Busco investir de forma que todos aprendam a ler e que entendam o que lêem” (D6);

“Procuro trabalhar com meus alunos de forma que eles desenvolvam o gosto pela leitura, onde um lê e depois eles discutem” (D8);

“Sempre que posso faço gincana entre os alunos. A premiação são livros”. (D9).

Chamamos a atenção para o fato de um professor ter relatado que realiza trabalhos de incentivo à leitura visando a contribuir para mudar a vida de crianças socialmente excluídas, atuando de forma mais integrada, incluindo a família no crescimento do aluno. Quer dizer, ele está sempre em diálogo com os pais, seja pessoalmente, ou através de textos escritos. Sua fala conota isto: “Faço leituras em sala de aula e estou sempre em comunicação com os pais de meus alunos, pois vejo essa relação muito proveitosa para todos nós” (D2).

O que nos impressiona nas respostas a essa questão é o fato de que 30% dos professores alegaram não trabalhar com leitura em sala-de-aula. Veja seus relatos: “Não trabalho com leitura” (D5); “Tenho muito conteúdo a ser dado, por isso não temos tempo para trabalhar com leitura” (D7). Sabemos que, embora, o trabalho com a leitura seja uma das pautas defendidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a exigência de se trabalhar grande quantidade do conteúdo curricular em sala de aula, pode realmente, dificultar ações que contemplem o uso efetivo da leitura. Mesmo assim, entendemos que os professores poderiam investir mais na leitura ajudando seus alunos a desenvolver uma visão crítica do mundo e de si mesmo. Os professores muitas vezes desconhecem o seu papel e o poder de influência que tem sobre os alunos.

Também chamou nossa atenção, a resposta de um professor que afirma não ter o hábito de trabalhar com leitura em sala-de-aula. Esclarecemos que, embora seja somente um professor, sua resposta merece uma análise mais apurada. “Sou professor de química, não tenho costume de trabalhar com leitura”. (D10). Ora, não é o fato de ser professor atuante em disciplinas das áreas de exatas que o impede de trabalhar o incentivo à leitura, uma vez que, ela, a leitura, deve perpassar por todas as áreas do conhecimento. Portanto, sua fala, não se justifica, haja vista que ele poderia incentivar os alunos a fazerem pesquisas e discutir em sala-de-aula, tendo como base a leitura. Então, o que podemos observar é que a ação desse professor não está contribuindo como deveria para o desenvolvimento da leitura junto aos seus alunos.

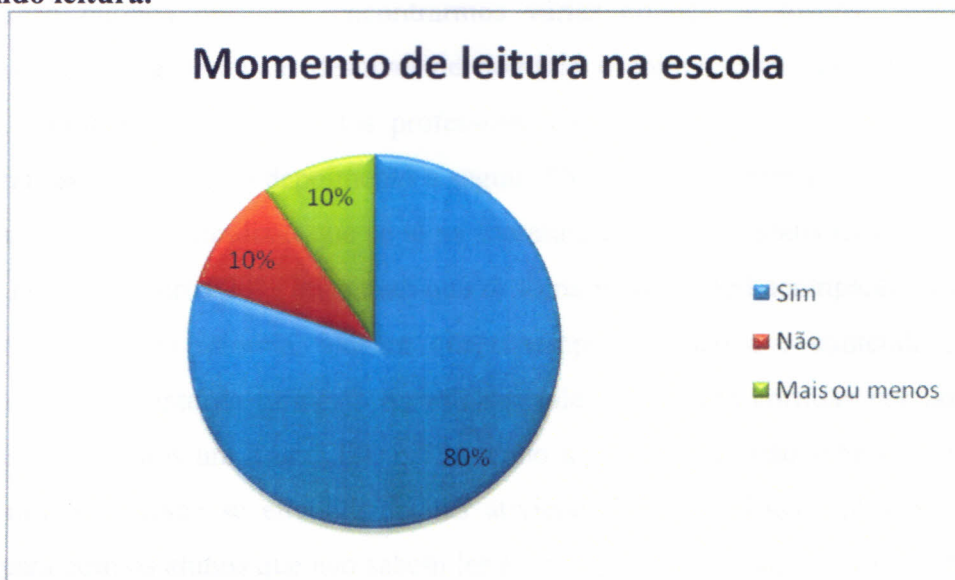
Desses achados, é possível extrair ao menos duas inferências: uma é que todos os professores acreditam no potencial da leitura para o desenvolvimento e a inclusão de crianças e adolescentes socialmente excluídos. A outra é que, embora acreditem nisso, nem

sempre suas ações privilegiam esse entendimento, pois, não são todos que estão realmente envolvidos em prol dessa causa.

Questionamos também os professores se em suas aulas há algum momento de lazer envolvendo leitura? Com o intuito de desvendar se os professores trabalhavam com leitura em sala-de-aula, pois, posteriormente, cruzaremos estes dados com as respostas dos alunos. As respostas mostram que a maioria deles 70%, dizem usar essa prática em seu cotidiano de sala-de-aula, como podemos perceber em suas falas: “Faço dinâmica com os alunos”(D7); “Uma vez por semana eu trago livros e cada um escolhe um e nós sorteamos algumas histórias a serem lidas”(D9). Então, para nossa satisfação temos professores comprometidos com a leitura de forma a proporcionar um melhor rendimento escolar e um melhor desenvolvimento social do aluno. Esse trabalho com a leitura em sala-de-aula é um elemento fundamental para o desenvolvimento da cidadania, para a formação e a inclusão social.

Como foi relatado acima cruzaremos as respostas obtidas junto aos professores com aquelas dos alunos, ao indagarmos a estes se havia algum momento de leitura na escola? Assim, coletamos que para 10% dos alunos entrevistados, não existe nenhum momento de leitura. Em contraponto há 10% que relatam existir um momento de leitura na escola, porém eles destacam que isso ocorre com pouca frequência e justificam suas respostas: “Existe poucos momentos de leitura na escola” (A9), “Sim. Somente nas aulas de português” (A21). A maioria dos entrevistados (80%) afirma que realmente há um momento de leitura em sala de aulas: “Sim, o professor lê e a gente continua” (A6); “Sim, eu fico só ouvindo” (A22).

Gráfico 5 - Resposta dos alunos sobre momento de lazer na escola/sala de aula envolvendo leitura.



Fonte: Pesquisa *in loco*

O que chama a nossa atenção nessas respostas é o fato de alunos reclamarem da pouca frequência com que os momentos de leitura se efetivam em sala-de-aula, pois, esperava-se que eles não gostassem ou, tampouco, percebessem de ler e, muito menos, percebessem a ausência de ações nesse sentido. Então, é válido ressaltar o quão importante seria a existência de uma biblioteca na escola, que daria suporte para atividades de leitura aos alunos e, portanto, contribuiria com professores para um contínuo trabalho de incentivo à leitura, de desenvolvimento social e intelectual. Assim, acredita-se firmemente na função transformadora da leitura e do espaço da biblioteca para a expansão dos horizontes dessas crianças. Isso tudo vem ao encontro das reflexões teóricas de Frago (2005), apresentadas no referencial desta monografia.

Fazendo o cruzamento das respostas dos professores com aquelas dos alunos, fica evidente que a maioria dos professores, de certa forma, está trabalhando com leitura em sala-de-aula. Contudo, ainda, existem aqueles professores que não contempla o trabalho com a leitura em suas vivências didáticas, o que coincide com as respostas dos alunos, informação essa já esperada, dado a análise realizada com os devidos professores.

Outra indagação muito pertinente à nossa pesquisa, ainda envolvendo os professores, é sabermos de que maneira eles trabalham com alunos que não sabem ler, ou

seja, de que forma estes alunos participam das atividades? Pois, sabemos que é característico da educação pública brasileira encontrarmos várias crianças e jovens cursando séries avançadas, porém, apresentam desnível de domínio e compreensão de leitura. Em nossa pesquisa, constatamos que 10% dos professores entrevistados não trabalham com alunos nessa condição, conforme o depoimento a seguir: “Não trabalho com alunos que não sabem ler” (D5). Essa fala contradiz o que se lê na literatura e o que as estatísticas brasileiras e do relatório Delors³. Outros 20% informam que se torna muito difícil acompanhar esses alunos porque eles são uma minoria, alegam que o tempo é pouco e o conteúdo precisa ser apresentado ao restante da turma: “As minhas aulas são muito corridas por isso é difícil acompanhar os alunos um a um” (D7); “Só tenho um aluno que não sabe ler, mas ele fica com os outros e acaba se envolvendo nas atividades” (D10). Essas falas revelam certo descaso para com os alunos que não sabem ler e, justamente por isso, mereciam uma atenção especial. Por isso, com o passar do tempo, esses alunos serão remanejados para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), isso quando não acontece a evasão ou desistência escolar, levando esses alunos a outros caminhos. Mas é válido ressaltar que a maioria (70%) dos professores entrevistados procura trabalhar outros meios, diferente dos convencionais, com crianças que não sabem ler, eles apontaram a leitura de imagens, leituras em grupos e leituras através da oralidade como recursos utilizados para incluir esses alunos nas atividades em sala de aula. Observe nas falas dos professores:

“Com atividades diversificadas, participam de atividades em grupo, onde aqueles que já sabem ler ajudam os que têm mais dificuldade” (D1);

“Faço leitura oral e peço a compreensão deles sobre o texto” (D2);

“Eles ficam escutando seus colegas lerem e depois eu peço a opinião deles” (D3);

“Trabalho com rótulos de embalagens, figuras com letras e nomes” (D4);

“Até hoje todos os meus alunos sabem ler, embora apresentem muita dificuldade de domínio e compreensão dos textos” (D6);

“Meus alunos, todos sabem ler” (D8);

“Procuro envolvê-los ao máximo nas atividades, trabalhando, incessantemente, para que eles aprendam a ler e a compreender o conteúdo da leitura”(D9).

Então, podemos saudar as atitudes desses professores, pois, conforme nossas

3 Para maiores detalhes sobre o relatório da UNESCO acerca da educação para o século XXI, consultar: DELORS, Jacques *et. al.* **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1998.

leituras, o bom educador é aquele que constrói alternativas de ensino e aprendizagem, que possui a capacidade de ouvir e discutir o nível de compreensão de seus alunos é aquele que trabalha o lado positivo de seus alunos buscando sempre uma formação cidadã, ou seja, consciente de seus direitos e deveres na sociedade. Torna-se bastante plausível a atitude dos professores acima, haja vista, que todo esse trabalho é feito com muito esforço pelos docentes, pois a escola nem sempre oferece algum tipo de amparo pedagógico que ajudasse no desenvolvimento da leitura em sala de aula. Outro ponto a ser levantado é a falta de uma biblioteca na escola onde foi realizada a pesquisa, pois, os bibliotecários poderiam trabalhar lado a lado com os professores para um melhor rendimento escolar e desenvolvimento do gosto pela leitura.

Também, em nossa pesquisa, buscamos verificar o que os pais pensam em relação à leitura, pois, acreditamos que, se houvesse uma parceria compartilhada entre escola, família e biblioteca escolar com ações ofensivas, privilegiando a leitura poderíamos estar desenvolvendo o gosto pela leitura e, conseqüentemente, estaríamos contribuindo para o desenvolvimento sociocultural dos jovens formando leitores comprometidos com a sociedade. Embora sabendo que a grande maioria dos pais dos alunos pesquisados possui nível de escolaridade muito baixa, ou que são mesmo analfabetos, pois, conhecemos essa realidade de perto, mesmo assim, indagamos a eles sobre a contribuição da leitura para que seus filhos possam ter uma vida melhor. Coletamos que todos os pais entrevistados acreditam na leitura como ferramenta que pode ajudar seus filhos. Vejamos alguns depoimentos.

“Com certeza, porque ele vai terminar os estudos e ser uma pessoa boa para a sociedade” (P1);

“Sim, porque ele terá mais vocabulário para discussão e entendimento do mundo” (P2);

“Sim, pois a leitura torna as pessoas mais compreensivas” (P3);

“A leitura traz em si conhecimentos, que muitas das vezes nós nem se quer imaginariamos que fôssemos capazes de desenvolver, pois ler e ensinar é um ato de sabedoria” (P5);

“Sim, quem lê descobre novos horizontes e tornar-se-á culto. Quem lê cria uma intimidade com o mundo lá fora”(P6);

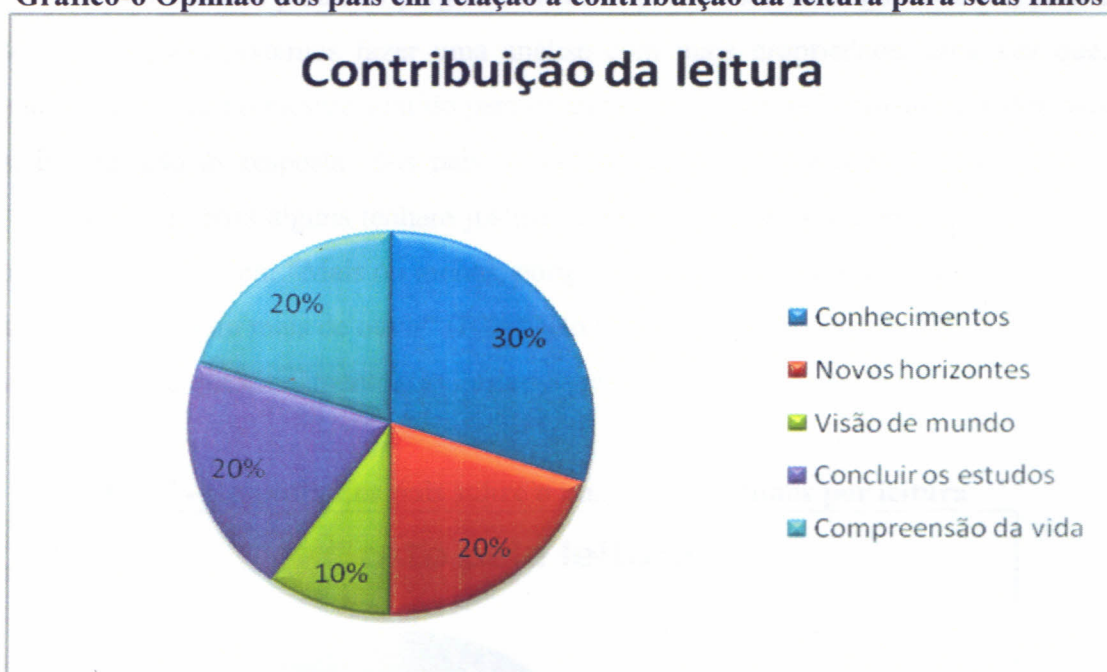
“Sim, porque ele terá uma visão melhor de mundo” (P7);

“Sim, porque quando a criança lê, ela aprende, conhece as coisas e o mundo” (P8);

“Sim, porque uma pessoa que sabe lê tem a possibilidade de conseguir um emprego melhor” (P10).

Também, alguns fizeram ressalvas de que seus filhos não gostam ou não sabem ler: “meu filho não gosta muito de ler” (P9); “meu filho não sabe ler” (P4). No Gráfico-6, podem ser observadas o que os pais apontaram com relação à contribuição da leitura para o desenvolvimento de seus filhos.

Gráfico-6 Opinião dos pais em relação a contribuição da leitura para seus filhos



Fonte: Pesquisa *in loco*

Então, o que podemos observar é que esses pais, são conscientes da importância da leitura na vida de seus filhos. A maioria (30%) atribui à leitura, agregação de conhecimentos, outros relataram que ela proporciona novos horizontes, oferece uma visão melhor de mundo e um nível melhor de compreensão do que se passa em sua volta e, por fim, a contribuição da leitura para a vida escolar pois, sem a leitura da palavra, se torna difícil alfabetizar, visto que, uma das principais causas da evasão escolar é exatamente a falta do domínio da leitura.

D) Dificuldades dos alunos em relação à leitura

Nesta categoria procuramos avaliar, sob a óptica dos pais, se as crianças e adolescentes gostam de ler. Indagamos também se seus filhos gostam de ir à escola, e buscando um maior entendimento dos dados recolhidos, integramos a mesma categoria as dificuldades encontradas pelos professores em relação à leitura de seus alunos e, para fechar essa categoria, questionamos os alunos sobre o que eles gostam de ler, de falar e de fazer.

Foi interessante para nós perguntarmos aos pais se seu filho gosta de ler, pois a partir dessas respostas podemos fazer uma análise com mais propriedade, uma vez que, fizemos uma indagação no mesmo sentido para os alunos com intuito de cruzar os dados pais e filhos. Em relação às respostas dos pais, a metade deles, 80%, afirma que seus filhos gostam sim de ler, embora alguns tenham justificado que eles não lêem com frequência por vários motivos, quais sejam: “Mais ou menos, porque às vezes ele tem muita preguiça” (P1); “Só às vezes, eles gostam mais de ouvir” (P3); “Não muito” (P9). Os demais 20% afirmaram negativamente a esse questionamento. O Gráfico-7 traz esses dados.

Gráfico 7 - Resposta dos pais sobre o interesse dos filhos por leitura



Fonte: Pesquisa *in loco*

É válido lembrar que os pais que informam que os filhos não gostam de ler, são os mesmos que anteriormente (categoria B), responderam que contribuem no incentivo à leitura dos filhos matriculando-os na escola e não acompanham seu desenvolvimento, ou seu filho ainda não sabe ler, ou ainda se enquadra entre os que mandam os filhos para o

reforço. Então, o que podemos ressaltar nesse contexto é a insistência do papel da família na vida de uma criança, ou seja, a família exerce uma influência muito grande no fator leitura, ela deveria ser vista pela escola com mais prioridade e não como causadora de problemas e foco de resistência a mudanças sem que se lembre que ela também é a congregação de experiências e entrelaçamento social que pode permitir, promover e sustentar mudanças, como bem chama a atenção Gregori (1998).

Também indagamos aos pais, sobre o interesse de seus filhos irem à escola, com o objetivo de desvendar que atrativos essa escola oferecia ou não aos seus alunos. As respostas dos pais foram bem interessantes, alguns relataram apenas sim, outros apontaram alguns fatores que justificam ou não a ida dos filhos à escola. Observe os seguintes relatos: “Sim, mas eu preciso ir para a rua, pedir, e às vezes eu levo eles para me ajudar” (P2). “Sim, por elas, não voltam nem para casa” (P5). Outros apontam que seus filhos gostam de ir para a escola, por causa da merenda: “Sim, porque ele diz que lá tem merenda” (P9). Percebemos nessas falas que, nenhum pai aponta a leitura e outras atividades, muito menos, cita o professor, como atrativos para os alunos irem à escola. Por outro lado, eles também têm sua parcela de culpa nessa situação, pois, ao invés de incentivarem seus filhos irem à escola, mesmo que ela não ofereça atrativos, contribuem para que seus filhos não compareçam à mesma, incentivando-os a mendicância.

Ficou evidente, ainda, que, para alguns pais, os filhos não gostam de ir à escola, conforme se expressam: “Eu acho que ele não gosta, porque saio para trabalhar e quando volto quase sempre ele não tem ido para a escola” (P10); “Não muito, porque eles preferem ir para o centro com os amigos dele” (P4). Essas falas denunciam que, muitas vezes, é a falta de autoridade dos pais que faz com que os filhos tenham certas reações com relação à não gostarem ir à escola, e preferirem ir para a rua. Como já discutimos, em nosso referencial teórico, esse problema é de todos inclusive da sociedade que será a mais prejudicada no final do processo. A partir de observações empíricas podemos relatar que muitas crianças só estão na escola para marcarem presença ou em razão da exigência da exigência do Programa “Bolsa Escola” que demanda a frequência do aluno na escola, o que é visto muitas vezes como uma obrigação e não como prazer em conhecer, estudar e crescer socialmente. A rua, em contraponto com a escola, oferece muitos atrativos para essas crianças e adolescentes que vivem socialmente desfavorecidas, destacando-se entre eles, comida, dinheiro, drogas e

liberdade, atrativos esses que contribuem para a exclusão e a enorme onda de violência que se encontra no nosso país. Às famílias dessas crianças não são asseguradas condições mínimas para que possam viver dignamente e manter os filhos em seus lares. Apoiá-las e fortalecê-las seria o caminho mais seguro para a promoção de políticas de defesa da infância e da juventude, do seu direito de exercer sua cidadania conforme apresenta Rizzini (2005). Buscando integrar todos nesse contexto, indagamos aos professores quais as dificuldades encontradas nos alunos em relação à leitura. Fizemos tal indagação por que consideramos interessante para nós compreender um pouco as dificuldades vivenciadas pelos professores em sala-de-aula para melhor compreendermos os anseios de ambos os lados.

Os professores relataram várias dificuldades apresentadas pelos alunos, destacando-se a falta de hábito de leitura, desinteresse dos alunos. Mas, o que chama atenção mesmo, são aquelas concernentes à falta de domínio da leitura e da escrita, por parte dos alunos. Com outras palavras, sem saber ler, compreender o que se está lendo e, também, sem saber escrever, todo o resto do processo de ensino-aprendizagem fica comprometido. Observe a seguir como esses professores se expressaram:

“A falta do hábito de ler, causa desinteresse nos alunos” (D1);

“Muitos não sabem ler” (D2);

“Não sabem ler, não sabem escrever” (D3);

“A dificuldade de entenderem o que o texto vem transmitir, ou seja, a mensagem de que se trata o conteúdo do texto” (D4);

“Eles pouco entendem o que lêem” (D5);

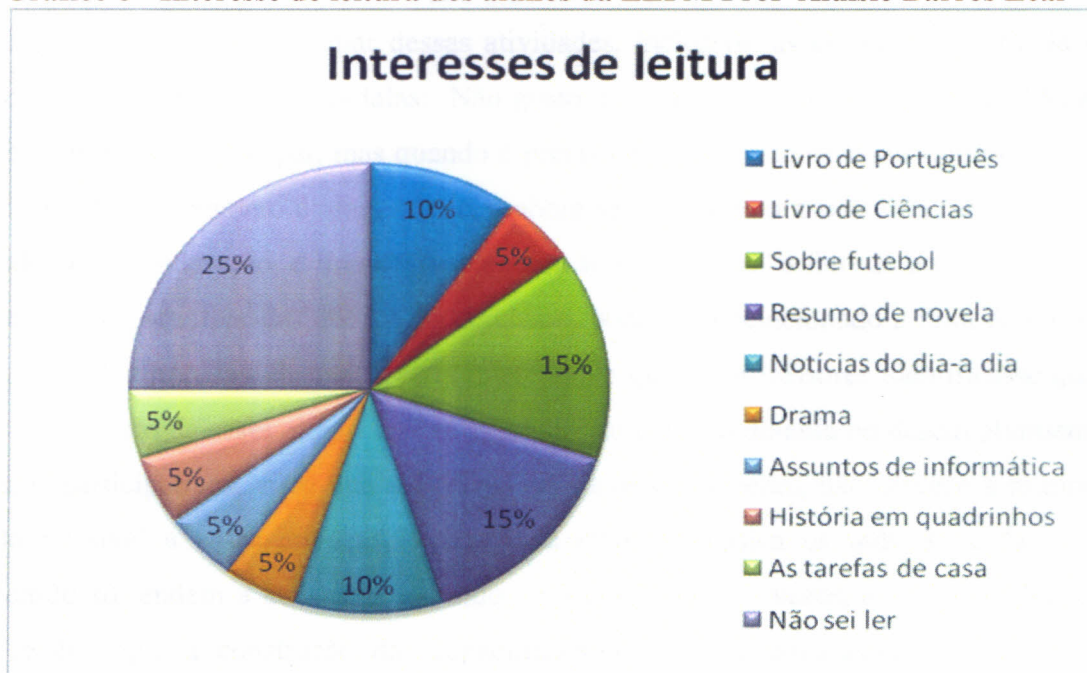
“A parte da gramática: vírgula, ponto e etc” (D7);

“A falta de domínio de leitura” (D8);

“A enorme falta de concentração dos alunos” (D10).

Indagamos, também, aos alunos sobre o que eles costumam ler, pois nosso interesse é, em realidade, saber se eles gostavam de ler, se sabiam ler e, por fim, o que lêem. Na entrevista, 75% dizem que sabem ler e de fato apontaram alguns de seus interesses de leitura, conforme pode ser visto no Gráfico-8.

Gráfico 8 - Interesse de leitura dos alunos da EEFM Profº Aluísio Barros Leal



Fonte: Pesquisa *in loco*

Conforme enunciado nesse gráfico, esses alunos apresentam interesses bastante diversificados, porém muito acessíveis para uma biblioteca escolar. Esse rol de temas apresentados pelos alunos poderia ser utilizado para se fazer um trabalho de Ação cultural contemplando a leitura e a formação do leitor. Outro aspecto evidente nessas respostas é que, foram citados, mesmo que, em pequena porcentagem, os assuntos referentes às matérias de seu cotidiano escolar, como exemplo, ciências, português e as tarefas de casa. Outro dado interessante é que 10% dos alunos evidenciam seu interesse pela informática, o que contradiz muitas análises de que o uso da tecnologia está longe da periferia. É importante lembrar que essa pesquisa foi feita em um dos bairros mais pobres da periferia de Fortaleza (Jangurussú). Também, salta aos olhos, um outro fato, quer dizer 25% dos alunos cursando entre a 4ª série do ensino fundamental e o 3º ano, do ensino médio, que afirmaram não saber ler. Eis aí, mais uma comprovação da grande falha da escola pública, passar de série o aluno que não tem o domínio da leitura. Isso faz com que, embora o aluno esteja cursando séries mais avançadas, continuam sendo excluídos.

Outro questionamento feito aos alunos foi em relação à participação deles nas atividades de sala-de-aula, pois, nossa intenção com essa questão era identificar a influência da leitura na vida desses alunos. Afinal, acreditamos que a forma como eles se expressam

poderia trazer algum indício da presença de leitura da palavra escrita no seu cotidiano. A maioria (50%) disse não participar dessas atividades, inclusive, as crianças a partir da 4ª série, conforme apontam algumas falas: “Não gosto de falar porque tenho vergonha” (A19); “Não gosto muito de participar, mas quando é preciso eu falo qualquer coisa que me vem a cabeça” (A21). Esse numero é alarmante e, embora se saiba que o aspecto da timidez pode ser levado em consideração, é importante também se refletir que, o fato de uma criança ou adolescente não participar das atividades de classe, pode estar relacionado à falta de leitura sobre os assuntos tratados. Portanto, seria interessante que os professores identificasse qual é, realmente, o fato de esses alunos não se expressarem em sala-de-aula no desenvolvimento das tarefas participativas, visto que a família, na maioria das vezes, não oferece a mínima condição possível a essas crianças, e sem essa estrutura básica os índices de falta de compreensão só tendem a aumentar, gerando conflitos e, muitas vezes, a exclusão. Santos (2007) explica que a construção das capacidades passa necessariamente pelo acesso e domínio da leitura e da escrita como elementos vitais de formação e de crescimento humano. Os demais (50%), afirmaram participar embora alguns tenham ressaltado que depende do assunto trabalhado. Apresentamos algumas das respostas:

“Eu gosto de falar” (A5)

“Sim, procuro dar minha opinião sobre o assunto em questão” (A9)

“Sim, falo qualquer coisa” (A17)

“Às vezes, se eu souber do assunto” (A18)

“Sim, assuntos atuais” (A20)

“Gosto de falar, quando é sobre as tarefas de casa” (A4)

“O que mais gosto de falar é sobre futebol” (A11)

Foi um resultado esperado levando em consideração que muitos alunos não sabem ler, e os que lêem, muitas vezes, não são leituras que possam ser discutidas em sala-de-aula, como por exemplo: futebol e resumo de novelas. Então, podemos avaliar a importância que a leitura exerce na vida de uma pessoa, uma vez que ela amplia nossos horizontes e nossa capacidade crítica, inventiva e de compreensão do mundo.

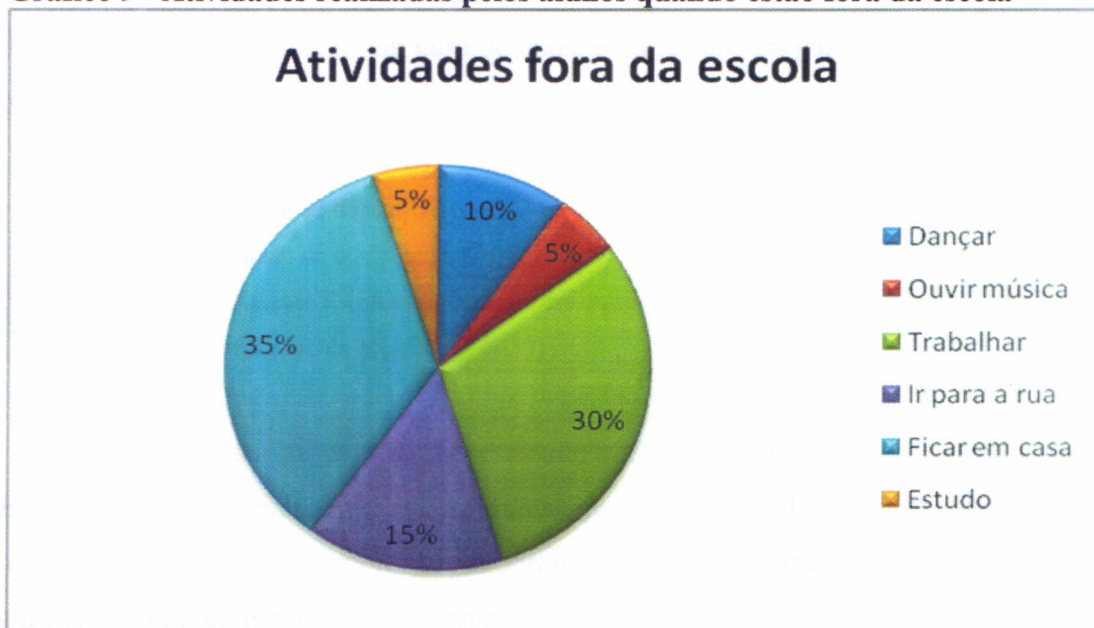
Indagamos, ainda, aos alunos se eles lêem quando estão em casa. Nosso intuito com essa questão era de descobrir formas que eles têm para ter contato com a leitura, pois, as famílias desses alunos são muito carentes, então, tínhamos um pressuposto de que somente a

escola oferecia esse contato com livros. O surpreendente é que a maioria (70%) dos alunos informa que sim, portanto contraria o nosso pressuposto de que o contato com o livro e a leitura era somente por meio da escola. Nesse caso, podemos inferir que eles lêem o que é acessível a eles, o livro da escola, um jornal velho, uma revista, as tarefas de casa e para alguns a *Internet*. Observemos algumas falas: “Quando tenho tempo disponível leio” (A9); “Leio, só as tarefas de casa” (A18); “Sim, gosto de ler notícias sobre o mundo em geral” (A20); “Às vezes, eu leio” (A21).

Embora os alunos tenham apontado que costuma ler em casa, em nenhuma das suas falas fica identificada a ajuda dos pais nesse processo. Contudo, somente o fato desses alunos conseguirem estudar/ler em casa, é muito gratificante, pois na maioria dessas famílias que vivem à margem da sociedade, não é permitido nem sequer que seus filhos freqüentem a escola, quanto mais ler em casa, o trabalho na rua, na maioria das vezes, é a única alternativa a sobrevivência. Isso pode ser chocante, mas é uma realidade vivida por inúmeras famílias brasileiras.

Com o objetivo de desvendar um pouco mais as atividades dos alunos fora da escola, procuramos saber o que eles fazem/gostam de fazer quando não estão na escola, pois esse tempo que eles passam em casa, poderia ser aproveitado pela escola com outras atividades recreativas, ou seja, deixá-los bastante ocupados para que, assim, não tivessem tempo de ir para as ruas. Entretanto, temos a consciência de que a escola sozinha não pode se responsabilizar pela vida dessas crianças, ela precisaria da ajuda da comunidade e de mais recursos do governo. Além do mais, desenvolver ações que efetivamente viessem a contribuir para a inclusão de crianças socialmente excluídas. Observe no gráfico a resposta dos alunos:

Gráfico 9 - Atividades realizadas pelos alunos quando estão fora da escola



Fonte: Pesquisa *in loco*

O que chama nossa atenção nesses dados é a porcentagem de crianças/adolescentes que afirmaram gostar de trabalhar. Ora, não é da natureza de uma criança, ou de um adolescente, ter uma resposta tão dura de gostar de trabalhar. Afinal, na criança, espera-se que a brincadeira seja o seu cotidiano, e, na adolescência, a diversão é o esperado que o jovem goste. Como seria importante que na vida deles houvesse um acompanhamento integral, tanto por parte da escola, como de qualquer outro projeto que exerça a mesma função. Veja alguns relatos:

- “Trabalho nas carroças” (A8);
- “Trabalho juntando lixo reciclável” (A10);
- “Vendo gostosinho no sinal” (A24);
- “Vou para o centro pedir” (A35);
- “Vendo picolé” (A41).

O trabalho é encarado por esses alunos como um fator de obrigação e sobrevivência, pois a maioria de seus pais não trabalham, são viciados, estão presos ou foram mortos, isso são fatos reais na vida deles, então só resta o trabalho para garantir algo para se alimentar. “Eu não tenho tempo para fazer o que gosto, que é jogar futebol, porque eu trabalho catando papelão” (A5). Daí se percebe porque existem tantas crianças matando, roubando, mendigando em nosso país. Observe que pouco mais da metade dos entrevistados

realiza alguma atividade que não seja trabalhar, ou seja, eles ouvem música, dançam e estudam, ainda temos o que ficam em casa ociosos, então nada nos garante que esses alunos não vão para rua.

“Gosto de dançar” (A6)

“Gosto de ouvir música” (A7)

“Assistir TV, ouvir música dentre outros” (A9)

“Fico na rua brincando” (A37)

Entendemos ser de extrema necessidade que essas crianças e adolescentes sejam incluídos em programas sociais, contudo programas que os leve a realizar alguma atividade na escola ou fora dela, estamos sempre nos reportando à escola porque ela se torna o nosso referencial de contato com esses alunos, pois não é interessante para esses jovens programas para que eles fiquem em casa e, no final do mês, retirem o dinheiro do banco. Precisamos de programas mais concretos, e não apenas paliativo, que retirem esses meninos das ruas, que venha a oferecer uma perspectiva de vida e que contribua de fato para o seu futuro. É nesse contexto que colocamos a necessidade da contribuição da leitura, pois, se forem implementadas ações contemplando o livro e outras fontes de leitura nos horários ociosos, certamente que as crianças desfavorecidas poderão vir a se incluir socialmente.

E) Perspectivas das crianças e adolescentes em relação à leitura

Nesta última categoria procuramos analisar qual a perspectiva de uma criança/adolescente que não sabe ler na percepção dos pais, dos professores e o que a leitura poderia proporcionar para um futuro melhor na visão dos alunos.

Então, indagamos aos pais qual a perspectiva de uma criança que não sabe ler, pois assim saberemos qual a importância atribuída à leitura, visto que a família se torna para nós um fator muito importante e diferencial no incentivo ao gosto pela leitura. Todos os pais consideram que sem saber ler a criança enfrentará muitas dificuldades quando adulto, inclusive pode vir a sofrer discriminação e ser excluída pela sociedade. Observemos o relato dos pais:

“Acho que ela (criança) terá muita dificuldade na escola e terá também na vida adulta” (P1);

“Acredito que tenha poucas perspectivas, pois o que é hoje uma pessoa sem leitura?” (P2);

“Ser um excluído, pois é isso que o futuro reserva” (P3)

“Se tornar uma pessoa analfabeta, leiga” (P4)

“Essa criança não vai desenvolver como se espera, pois a leitura é importantíssima na vida do ser humano, nos nossos dias, temos que saber ler e escrever” (P5)

“Não saberá ler um texto, nem interpretá-lo. No futuro terá preguiça de ler” (P6)

“Acho que fica difícil para tudo que ela quiser fazer” (P7)

“Terão poucas perspectivas, porque ela será uma criança excluída, não conseguirá um trabalho decente” (P8)

“Fica difícil arrumar trabalho quando estiver adulto” (P9)

“Acho que é uma criança que vai ser bastante atrasada, porque sem leitura como é que ela vai conseguir terminar os estudos” (P10)

A primeira impressão que podemos ter é que a resposta de alguns pais vai de encontro à contribuição que eles dão aos filhos no incentivo à leitura, pois se eles acreditam que a leitura é importante como pode ser observado nos relatos acima, porque não incentivam seus filhos a ler? Ora, podemos responder a essa questão com uma simples resposta, é que a maioria desses não sabe ler a palavra escrita. Afirmamos isso porque convivemos praticamente com todos eles, pois, temos um pequeno comércio no bairro o que torna a convivência mais próxima.

Outra observação que nos chama atenção é que todos os pais, sem exceção, atribuem à leitura um papel importante e decisivo no que concerne ao futuro de seus filhos, pois são várias as atribuições apontadas por eles: conclusão dos estudos, inclusão social, inclusão no mercado de trabalho e superação de dificuldades na vida cotidiana. Então, o que podemos concluir é que a leitura pode sim, ajudar a mudar a vida dessas pessoas, mas para isso precisamos de incentivos, visto que essas famílias sozinhas não podem fazer muita diferença, afinal são famílias de baixa renda e que na maioria das vezes o único recurso financeiro que chega em sua mesa é a Bolsa Escola.

Neste sentido, tornou-se interessante, também, para nós questionarmos os professores com a mesma indagação para observarmos a disparidade ou não das respostas entre eles e os pais. Todos os entrevistados concordam que uma criança ou adolescente sem leitura, ou mesmo sem decodificar as letras, estar limitado a viver à margem da sociedade. Observemos as respostas a seguir:

“Poucas, pois a falta de leitura limita o conhecimento e o entendimento sobre determinado assunto” (D1)

“Quase nenhuma, pois nada pode ser feito hoje sem leitura, inclusive terminar os estudos” (D2)

“Poucas perspectivas, pois essa falta do domínio de leitura gera a evasão escolar” (D3)

“Para alguns a esperança de algum dia aprender a ler, para outros o engano de que não precisam da leitura, pois o trabalho braçal é suficiente para sustentação e sobrevivência” (D4)

“Está fadada a viver a margem da sociedade” (D5)

“Acredito que serão crianças marginalizadas pelo sistema social” (D6)

“Será uma criança fadada a não ter emprego, pois sem uma boa educação na escola e em casa, tornar-se-á um marginalizado/excluído” (D7)

“Serão crianças com poucas chances de ser alguém na vida” (D8)

“Com certeza se tornarão adultos excluídos de uma vida social digna” (D9)

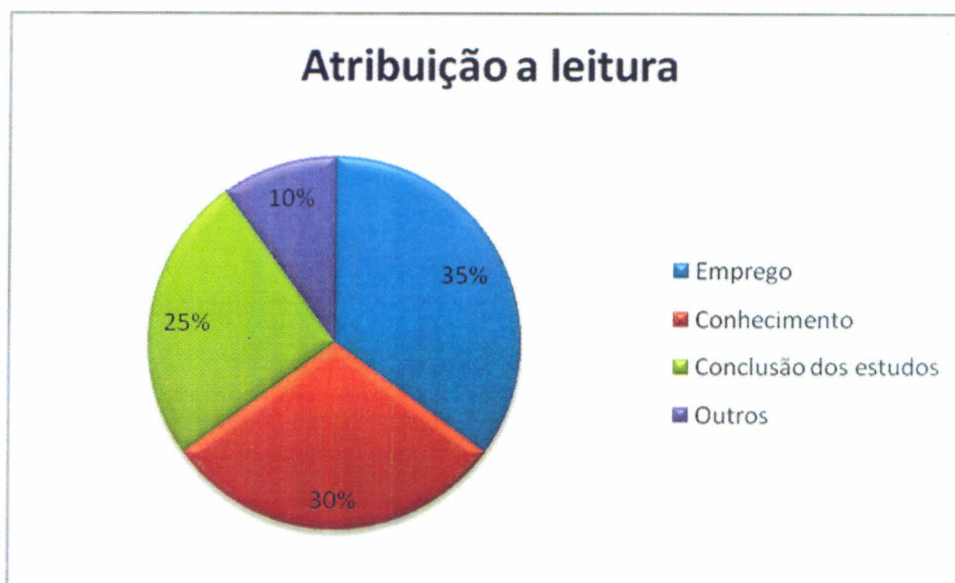
“Está fadado a permanecer à margem da sociedade” (D10)

Estas respostas de certa forma nos surpreendem, pois, alguns professores não trabalham com leitura. Entretanto, atribui à leitura um papel bastante importante como a inclusão social, o combate à evasão escolar, à inclusão no mercado de trabalho e outros fatores a observar. Mas, o interessante é que as respostas dos pais comparadas com a dos professores chega à mesma conclusão e este fato pode ser observado de duas maneiras, a primeira é que podemos ver como algo positivo, pois ambos vêem a leitura como fator de transformação social e a outra maneira é que esperávamos mais dos professores, visto que eles possuem nível superior e a leitura deveria ser para eles uma ferramenta de trabalho o que não podemos considerar para os pais. Esperávamos que todos os professores não só acreditassem na leitura, mas praticassem de fato em sala-de-aula, por isso discute-se que o professor precisa ampliar seu universo de leitura com o intuito de colaborar mais

efetivamente para o processo de leitura de seus alunos.

E para fechar nossa pesquisa questionamos aos alunos sobre o que a leitura poderia lhe proporcionar para um futuro melhor? Afinal eles são o foco principal e não poderíamos deixar de ouvi-los. Observe no gráfico a atribuição que eles deram a leitura:

Gráfico 10 - Resposta dos alunos com relação à atribuição que eles dão à leitura



Fonte: Pesquisa *in loco*

Veja alguns relatos dos alunos:

“Muito aprendizado” (A5)

“Arrumar um emprego e conhecer melhor as coisas” (A6)

“Muita coisa, pois quando a gente ler está descobrindo algo” (A7)

“Em conseguir um trabalho” (A8)

“A leitura quando bem aproveitada abre portas, quem ler fala e expressa melhor, através dela podemos adquirir conhecimentos que levaremos para toda vida” (A9)

“Eu podia ganhar mais dinheiro, porque eu iria arrumar um trabalho melhor” (A11)

“Se eu soubesse ler poderia fazer minhas tarefas sozinho” (A13)

A partir da análise deste gráfico, podemos observar que a resposta dos alunos vem ao encontro do que foi relatado pelos pais e professores, percebemos que todos atribuem à leitura um fator para a conclusão dos estudos (Ensino Médio), e chama também a nossa atenção o fator emprego destacado em todos os relatos já analisados. Isso pode ser

considerado um fator bastante positivo para a sociedade, pois fica claro para nós que os alunos pensam em seu futuro com otimismo, e considera a leitura um fator importante nesse processo de formação social.

5 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Os resultados apontados ao longo de nossas análises demonstram que os objetivos da pesquisa foram alcançados. Diante disso é possível extrair algumas reflexões conclusivas:

A leitura pode ser considerada uma das maiores conquistas da humanidade, pois através dela o ser humano se transforma e assimila os verdadeiros valores de uma sociedade. Com isso, procuramos investigar a contribuição da leitura para mudança de crianças socialmente excluídas, ou seja, buscamos avaliar a leitura como fator de transformação social, pois acreditamos que o acesso à leitura a todas as classes sociais é o mínimo essencial que garante a dignidade humana em uma sociedade que cada vez mais privilegia o conhecimento e o domínio da leitura e da escrita.

Percebemos com esta pesquisa que não houve um desnível de série e idade entre os alunos entrevistados, mas há um baixo índice de leitura, pois poucos alunos lêem, destacando-se a oralidade como a leitura mais utilizada por eles, visto que eles preferem perguntar sobre alguma dúvida a ler e pesquisar. Infere-se, portanto, que o alcance da leitura atinge poucos alunos e, sua ausência prejudica a muitos deles, pois as crianças que declararam não saber ler ou não gostar de ler, são as que vivem em situações mais degradantes. Então, fica-nos a inquietação, como pode a leitura mudar a vida dessas crianças se o próprio sistema social e econômico já tratou de excluí-las? Torna-se muito difícil tratar de um problema de leitura em uma população que está preocupada se terá o que comer amanhã, a situação social que vive as que participaram da pesquisa é bastante lamentável e, certamente, que não difere da grande periferia brasileira.

Então, não podemos culpá-los; tampouco ignorá-los, pois sabemos que o resultado desse descaso social traz para a nossa sociedade conseqüências, muitas vezes, irreversíveis, crianças nas ruas pedindo e roubando, penitenciárias lotadas, enorme onda de violência e a sociedade que fica à mercê de tudo isso vai se virando como pode, ou seja, aumentando os muros de suas residências, gradeando-as, colocando redes de proteção elétrica, comprando tudo que o mercado oferece no intuito de se proteger de um sistema social que muitas vezes ela financia.

Outra questão levantada em nossa pesquisa foi em relação à escola, considerada a principal ferramenta de formação de uma criança, onde ela passa quase dez anos de sua vida e onde, muitas vezes, ela tem o primeiro contato com a leitura e a escrita, pois nem sempre a família cumpre com o dever de oferecer os primeiros contatos com a leitura, e nem poderia, haja vista as suas condições sócio-culturais. E o que percebemos é que a escola ainda se encontra em um estado de abandono pelas autoridades e o descaso é maior se consideráramos as bibliotecas escolares, visto que a escola não tem biblioteca em suas dependências e tudo corre normalmente, não havendo uma cobrança nem dos pais, nem dos professores e tampouco dos alunos para mudar essa realidade. Como podemos cobrar de uma escola seu incentivo à leitura como contribuição para a formação de verdadeiros cidadãos, se a mesma não conta com recursos necessários a isso, se o professor não conta com um apoio pedagógico que lhe oferece amparo na promoção da leitura na escola, nem um espaço onde os professores possam trabalhar com seus alunos em prol da leitura.

O professor configura a principal ferramenta para uma criança dentro da escola, mas ele, muitas vezes, não se dá conta da importância de seu papel na construção de uma sociedade mais digna e igualitária. Todos os professores vêm a leitura com entusiasmo, porém, não podemos dizer que todos se envolvem para que a mesma possa vir a fazer a diferença na vida de seus alunos.

Um dado muito interessante levantado pela Pesquisa do Instituto Pró-Livro (2007), é que entre os milhões de brasileiros entrevistados, 1 em cada 3 conhece alguém que venceu na vida graças à leitura. Esse dado só ratifica o que estamos dizendo durante todo esse trabalho, enchendo-nos de entusiasmo que a leitura realmente venha a contribuir de forma direta ou indireta na vida de uma pessoa e, principalmente, quando são crianças e adolescentes socialmente excluídos.

Outro ponto que foi discutido em nossa pesquisa é a contribuição da família na formação de crianças leitoras, visto que ela é considerada o berço inicial de tudo, é onde a criança recebe os primeiros ensinamentos, as primeiras definições de certo e errado e onde deveria também receber os primeiros contatos com a leitura. Mas percebemos que a família muitas vezes não cumpre com esse papel, talvez por falhas dentro do próprio lar ou por falta de condições financeiras e psicológicas de oferecer aos filhos uma educação básica que

garanta decência e dignidade social para que ele possa assimilar os valores de uma sociedade.

Diante de todas essas reflexões, podemos concluir que a leitura pode mudar a vida de uma pessoa e que a família e a escola são os dois principais fatores influenciadores nesse processo, pois ambas são responsáveis pela formação cidadã, funcionam como mediadoras de leitura mas, muitas vezes, se isentam disso, desconhecendo a leitura como instrumento de cidadania, produzindo para a sociedade indivíduos excluídos e entregues à própria sorte. Nesse sentido, precisamos dar mais atenção à escola e à família, assegurando-lhes as condições mínimas ao cumprimento de seus verdadeiros papéis ou do contrário estaremos remando contra a maré, com medidas paliativas que não nos levarão a lugar algum.

As maiores dificuldades encontradas durante a pesquisa foi em relação ao campo, pois quando dependemos de pessoas para concluirmos um trabalho, precisamos ser persistentes e pacientes, pois os professores alegaram não ter tempo para responder, que entregavam o questionário depois ou mesmo que não iriam responder. Mas foi com muita persistência e distribuindo uma grande quantidade de questionários que foi possível realizarmos a análise dos dados.

Este trabalho vem a contribuir para a área da Educação, Biblioteconomia e afins, visto que, trabalhamos com vários fatores como a leitura, a família, a escola, o professor e a questão da inclusão social no âmbito educacional. O que poderia ser observado por vários pesquisadores, pois buscamos analisar de uma forma bastante simplificada como a escola e a família influenciam no incentivo à leitura no intuito de incluir crianças iletradas em um sistema educacional falido.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **A criança na família e na sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- AMARO, Ana. **A arte de fazer questionários**. 2005. Disponível em: <www.jcpaiva.net/getfile.php?cwd=ensino/cadeiras/metodol/20042005>. Acesso em: 24 ago. 2007.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BENTES PINTO, Virgínia. *et. al.* **Práticas leitoras da biblioterapia: a vivência na "Casa da Criança"**. Fortaleza, 2002.
- BOFF, Clodovis. **Como trabalhar com os excluídos**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- MICHELETTI, Guaraciaba; BRANDÃO, Helena. Teoria e prática de leitura. *In:* _____. **Ensinar e aprender com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.
- BRASIL. Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a política nacional do livro. **Diário Oficial da União**. Brasília, 30 out. 2003. Disponível em: <http://www.trt02.gov.br/geral/tribunal2/Legis/Leis_doc/10753_03.doc>. Acesso em: 10 maio 2008.
- CARVALHO, Ana Maria Sá de. **Políticas de leitura e biblioteca escolar: um jogo de silêncios na educação cearense**. Tese (Doutorado em Educação). Fortaleza: 2002. 295p. Faculdade de Educação, Universidade federal do Ceará.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- CERVO, Amado Luiz *et. al.* **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DELORS, Jacques *et. al.* **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1998.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2007.
- DIÓGENES, Glória. **A cidade e a casa: exclusão e violência na infância**. Fortaleza: CBIA, 1994.
- ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. **O poço da draga: a favela e a biblioteca**. 1996. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.
- FIGUEREDO, Regina Cláudia. **A interferência de fatores efetivos na leitura: atitudes do professor e do aluno**. Fortaleza: [s.n.], 1998.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na Escola: uma relação a ser construída. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, vol. 10, n. 2, p. 169-173, jan./dez., 2005.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicação técnico-científicas**. 7. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Autores associados; Cortez, 1984.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GREGÓIRE, Jacques; PIÉRART, Bernadete. **Avaliação dos problemas de leitura**: os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GREGORI, Maria Filomena. **Desenhos familiares**: pesquisa sobre família de crianças e adolescentes em situação de rua. São Paulo: Editora Alegro, 1998. 134p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **GEO Brasil**: recursos hídricos: resumo executivo. Brasília : MMA; ANA, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **SAEB 2001**: novas perspectivas. Brasília: O Instituto, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

MARZOLA, Norma. **Escola e classes populares**. 4. ed. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

MONTESSORI, Maria. **A criança**. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1936.

MOURA, Ricardo. Satisfeitos, mas desvalorizados. **O Povo**, Fortaleza, 19 maio. 2008. Folha Educação, Caderno Fortaleza, p. 9.

OEIAECC; CERLALC-Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe; Organización de Estados Iberoamericanos para a Educación, la Ciência e la Cultura. **Agenda de Políticas Públicas de Leitura**. Bogotá, 2004.

OLIVEIRA, Zilma Morais Ramos de. **Educação Infantil**: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 1996.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

PIAGET, Jean. **A construção do número na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

POCHMANN, Marcio. **O desafio da inclusão social no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 2004.

RIBEIRO, Ruth Leuda da Silva. **Leitura um processo interdisciplinar de prazer, interesse e interação**. Fortaleza: UFC, 2005.

RIZZINI, Irene. **Existem meninos de rua?** 2005. Disponível em: <http://www.redeamiga dacrianca.org.br/artigo_meninosrua.htm>. Acesso em: 10 maio 2008.

ROSA, F. G. M.G.; ODDONE Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, vol. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006.

SANDRONI, Laura Constância; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro: guia prático de estímulo a leitura**. São Paulo: Ática, 1998.

SANTOS, F. dos. Agentes de leitura do ceará: inclusão social e desenvolvimento humano. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 3, 2007, Fortaleza. **Anais do Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Fortaleza: EdUFC, 2007.

SASSAK, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1981.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Pólis, 2006. (Coleção Palavras-Chaves, 17).

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SANTIAGO, S. A.S.; SOUSA, A. L. **A leitura de um mundo surdo: uma proposta de inclusão social**, 2005. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/extensao/documentos/anais/4.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2008.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

SOUZA, Francirene de Paula; VASCONCELOS, Fátima. **A relação entre o fracasso escolar e as crianças das camadas populares: um estudo sobre escola e cultura**. Dissertação (Mestrado). Fortaleza, 2005. Faculdade de Educação, Fortaleza, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WERTHEIN, Jorge; NOLETO, Marlova Jovchelovitch. (Org.). **Pobreza e desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social**. Brasília: UNESCO, 2003.

APÊNDICE A – Entrevista para crianças e adolescentes

- 1) Qual sua idade?
- 2) Qual seu nível de escolaridade?
- 3) Quando você quer aprender/descobrir algo o que faz?
- 4) O que você costuma ler? Porque é que você gosta de ler isso?
- 5) Tem algum momento de leitura na sua escola?
- 6) Quando tem reunião/brincadeiras você costuma participar/falar? Sobre o que você gosta de falar?
- 7) Quando está em casa você lê/ alguém lê para você?
- 8) O que você gosta de fazer quando não está na escola?
- 9) O que a leitura pode lhe proporcionar para um futuro melhor?

APÊNDICE B - Questionário para os professores

Prezado Professor (a)

Estamos realizando uma pesquisa, visando à construção de nossa Monografia de conclusão do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Para tanto, gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo esse questionário. Asseguramos que suas respostas serão utilizadas somente para esse fim.

Sem mais para o momento, agradecemos pela sua colaboração.

Cordialmente,

Ednar Moura da Silva.

- 1) Você acredita que a leitura mudaria a vida de crianças socialmente excluídas? Porque?

- 2) Qual é a sua contribuição para que a leitura possa mudar a vida de crianças socialmente excluídas?

- 3) Que dificuldade você encontra nos alunos em relação à leitura?

- 4) Qual a perspectiva de uma criança ou adolescente que não sabe ler?

- 5) Há durante as aulas algum momento de lazer envolvendo leitura?

- 6) Como você trabalha com alunos que não sabem ler? De que forma eles participam das atividades?

APÊNDICE C - Entrevista para os pais

- 1) O que você faz para incentivar seu filho a ler?

- 2) Seu filho gosta de ler?

- 3) Seu filho gosta de ir a escola?

- 4) Qual a perspectiva de uma criança que não sabe ler?

- 5) Você acredita que a leitura ajudaria seu filho a despertar para uma vida melhor? Porquê?